

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANDRÉA NOGUEIRA GOMES DOS SANTOS

O SOPRO DO ESPÍRITO NA ACADEMIA:
DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS
PENTECOSTAIS

São Leopoldo

2017

ANDRÉA NOGUEIRA GOMES DOS SANTOS

O SOPRO DO ESPÍRITO NA ACADEMIA:
DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS
PENTECOSTAIS

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia – Mestrado Profissional
Área de concentração Religião e
Educação
Linha de atuação Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237s Santos, Andréa Nogueira Gomes dos
O sopro do espírito na academia: desafios para
formação de teólogos e teólogas pentecostais / Andréa
Nogueira Gomes dos Santos; orientador Rudolf Eduard von
Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
84 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2017.

1. Teologia Pentecostal. 2. Racionalidade. 3.
Experiência. I. Sinner, Rudolf Eduard von, 1967-. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANDRÉA NOGUEIRA GOMES DOS SANTOS

O SOPRO DO ESPÍRITO NA ACADEMIA:
DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS
PENTECOSTAIS

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia – Mestrado Profissional
Área de concentração Religião e
Educação
Linha de atuação Leitura e Ensino da
Bíblia

Data da defesa:

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Oneide Bobsin – Doutor em Ciências Sociais – Faculdades EST

São Leopoldo

2017

*Ao amigo e líder espiritual,
Dr. Claiton Pommerening,
um conselheiro, incentivador
e quem me oportunizou
realizar o sonho do mestrado.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu amor e cuidado, por me capacitar para cumprir os Seus propósitos e por estar sempre presente.

Aos meus pais que lutaram para me oferecer o melhor em especial minha mãe que me incentivou a estudar.

Aos meus avós João Gomes de Lima e Benedita Antônia de Lima que são para mim modelo de vida cristã, renúncia e serviço a Deus.

A minha amiga-mãe, Deuzenir, que desde que eu tinha 12 anos de idade sempre me incentivou a ler e abraçar a cultura de várias formas e que sempre acreditou e me viu como uma vencedora. Muito obrigada minha amiga.

Ao meu esposo amado e querido Osmair Santos, meu grande amigo e companheiro que sempre me deu seu apoio incondicional, obrigada pelo cuidado, pelas orações, pela torcida, pela admiração, pelo toque suave do violão para me fazer dormir após um dia exaustivo. Seu amor e compreensão me sustentaram nos momentos mais desafiadores desta caminhada. Muito obrigada meu amor.

Ao meu amado filho John Cristian por seu amor, apoio, compreensão e incentivo. Você é para mim um exemplo de jovem forte, decidido e valoroso. Muito obrigada meu querido filho.

Ao amigo Dr. Claiton Pommerening, principal incentivador para minha inserção no mestrado, sem seu apoio certamente que este projeto não seria possível. Agradeço pelos conselhos, direcionamentos, pelo incentivo, pelas conversas produtivas, pelas oportunidades, pelo investimento material e imaterial, por acreditar muitas vezes mais do que eu mesma acreditava. Muito obrigada.

Ao Pr. Sergio Melfior, meu pastor e presidente da Assembleia de Deus em Joinville-SC, um exemplo de dedicação e humildade, agradeço por acreditar e apoiar minha ocupação e desenvolvimento na educação teológica, ao Pr. Everton Machado por ter nos recebido há 12 anos atrás em Joinville e ter acreditado em minha vocação e ao Pr. Joel Montanha pela oportunidade de ingresso no universo da teologia.

Aos colegas de trabalho que me ajudaram e estimularam de várias formas: Fernando Albano, Stela Maccari, Grayce da Cruz, Aílto Martins, Allan Gomes, Alberto Samucuta, Elias André, Mário Sérgio Santana, Marcos Tedesco, Débora Redmerski, Cristiane Salazar, Valdinei Gandra, Ivan Sansão e Everton de Borba, Carla Lanza,

Shirley Kaiser, Rose, Aline, Rosa, Maria Aparecida, Leia, Ana Paula, a minha professora de inglês Priscila Miranda por ter me auxiliado com o abstract e em especial ao colega Orlando Gulonda: obrigada por todas as ideias e conversas produtivas que tivemos Orlando, você faz parte deste trabalho.

Ao meu orientador prof. Dr. Rudolf von Sinner que participou da construção deste trabalho e apoiou a realização das minhas ideias para o mesmo.

Aos colegas do mestrado que me acrescentaram experiências que levarei por toda a vida: Valdemir (Brasília), Eduardo (Brasília), Sérgio (Nicarágua), Orlando (Florianópolis), Marcelo (São Paulo), Gleidson (Acre), Jonatas (Pará), Weber (Pará), Joana (Mato Grosso do Sul), Marines (Ariquemes-Rondônia), Ronaldo (Brasília), Júnior (Piauí), Taís (Ariquemes-Rondônia), Tiago (Brasília), Mazé e Daniel (Manaus) e tantos outros. E em especial à colega luterana que se tornou amiga do peito, obrigada Katilene por tudo que você agregou à minha vida, nunca esquecerei dos vários momentos que vivemos dentro e fora da sala de aula, de tudo que aprendi contigo, muito obrigada amiga.

Aos professores do mestrado prof. Iuri, prof. Verner, prof. Oneide, prof. Flávio, prof^a. Marie, prof. Valério, e professora Laura, muito obrigada pela contribuição singular de cada um.

À Faculdades EST por seu acolhimento, excelentes professores e funcionários e pelo incrível espaço de convivência, pesquisa e aprendizado.

Ao CEEDUC e à Faculdade Refidim pela disponibilidade de tempo e recursos para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Dr. Willian Kaizer de Oliveira pela leitura e trabalho de revisão desta dissertação.

Aos alunos da Faculdade Refidim do curso de Teologia por me darem a oportunidade de contribuir para a formação do conhecimento de cada um, pela oportunidade de também pastoreá-los e por cada questionamento, pois os mesmos me ajudam a sempre ir além.

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma análise dos cursos de teologia da Faculdade Refidim e sua relação com a teologia do Espírito. A investigação pretende se mediar a partir do contexto histórico, social e teológico dos cursos de teologia, bem como compreender a relação e desenvolvimento da teologia do Espírito no decorrer da história destes cursos. O intuito é que pontos de relação com a teologia do Espírito sejam encontrados afim de que o conhecimento teológico acadêmico e experiencial possam se harmonizar na formação do estudante pentecostal. A pesquisa pretende investigar os vínculos existentes entre teologia do Espírito e os cursos de teologia, e refletir sobre formas de associação entre aprendizagem a partir do conhecimento acadêmico e também da experiência, gerando com isto para o estudante uma ressignificação do conceito de teologia e do método prático de se fazer teologia dentro e fora do ambiente acadêmico pentecostal. No primeiro capítulo procura-se apresentar o contexto histórico da teologia nas ADs do Brasil e em específico da Faculdade Refidim em Joinville SC. No segundo capítulo faz-se um resgate da compreensão filosófica da teoria do conhecimento empírico e também da compreensão teológica das ADs sobre a doutrina pneumatológica. E no último capítulo propõe-se uma averiguação da teologia do Espírito no espaço acadêmico e dos desafios para a elaboração de um currículo acadêmico-experiencial que possibilite a formação de teólogos e teólogas pentecostais. Esta é uma pesquisa bibliográfica que pretende investigar o espaço acadêmico-racional do curso de teologia e a realidade prático-experiencial do aluno pentecostal afim de encontrar pontos de contato existentes entre ambos, e finaliza propondo a construção de um currículo acadêmico-experiencial que contribua positivamente para a formação deste aluno.

Palavras-chave: Teologia Pentecostal, Teologia Acadêmica, Currículo de Teologia, Racionalidade, Experiência.

ABSTRACT

This research proposes an analysis of the theological courses of the Refidim College and its relation with the Spirit Theology. The investigation intends to mediate from the historical, social and theological context of the theology courses, as well as to understand the relation and development of the Spirit Theology in the history of these courses. It is intended to find a point of relation with the Spirit theology so that all the academic theological knowledge and the experiential knowledge could be harmonized in the formation of the Pentecostal student. The research intends to investigate the links between the Spirit Theology and the courses of theology and to reflect about association between learning from academic knowledge and also from experience, making possible for the student a re-signification of the concept of theology and practical method of doing theology inside and outside of the Pentecostal academic environment. In the first chapter it is presented the historical context of theology in the ADs of Brazil and at Refidim College in Joinville SC. In the second chapter, a revival of the philosophical understanding of the theory of empirical knowledge and also of the theological understanding of the ADs on the Pneumatological doctrine. In the last chapter it is proposed an investigation of the Spirit Theology in the academic area and about the challenges to the elaboration of an academic-experiential curriculum that allows the formation of Pentecostal theologians. This is a bibliographical research that intends to investigate the academic-rational space of the theology course and the practical-experiential reality of the Pentecostal student in order to find points of contact between both and ends up proposing the construction of an academic-experiential curriculum that contributes positively to the formation of this student.

Keywords: Pentecostal theology, academy, curriculum, rationality, experience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA TEOLOGIA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL: FACULDADE REFIDIM ANTES E DEPOIS DO RECONHECIMENTO PELO MEC	23
1.1 O estabelecimento dos modelos teológicos para as Assembleias de Deus no Brasil	25
1.2 John Peter Kolenda, o visionário que lança as sementes para implantação dos institutos bíblicos no Brasil	27
1.3 Os primeiros passos dos institutos bíblicos no Brasil	29
1.4 Os institutos bíblicos em Santa Catarina	32
1.5 A Faculdade Refidim	34
1.6 Considerações	36
2 A TEORIA DO CONHECIMENTO EMPÍRICO E A COMPREENSÃO TEOLÓGICA DA ASSEMBLEIA DE DEUS SOBRE A DOCTRINA PNEUMATOLÓGICA	39
2.1 O empirismo e sua relação com a doutrina pneumatológica da Assembleia de Deus	39
2.2 Compreensão e fundamento doutrinal da teologia do Espírito nas Assembleias de Deus	42
2.3 A Assembleia de Deus e sua apologia à doutrina do Espírito Santo	48
2.4 A Assembleia de Deus e seu inconsciente afastamento da doutrina do Espírito Santo	50
3 A TEOLOGIA DO ESPÍRITO E O ESPAÇO ACADÊMICO: DESAFIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM CURRÍCULO ACADÊMICO-EXPERIENCIAL E PARA A FORMAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS PENTECOSTAIS	53
3.1 A academia e sua (não) relação com a experiência pentecostal: desconstruções ou ressignificações?	53
3.2 O docente como agente motivador da relação acadêmico-experiencial	56
3.3 O currículo acadêmico e os desafios para a formação teológico-pentecostal do aluno do curso de teologia	57
3.4 A pneumatologia como uma das bases para a construção de um currículo acadêmico-experiencial	64
3.5 Considerações	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

As raízes do pentecostalismo remontam ao livro dos Atos dos Apóstolos, especificamente o dia de Pentecostes e enquanto movimento o mesmo teve o seu ápice no início do século XX. Contudo, observa-se que no século XVI, o século da Reforma, um movimento que serviu de fio condutor para o pentecostalismo contemporâneo ficou conhecido como Reforma Radical. Sobre este assunto Timothy George, citado por Terra e Mesquiati, pondera que:

A Reforma radical foi um tremendo movimento de renovação espiritual e eclesiástica que ficou à margem das importantes igrejas territoriais, a católica e a protestante, durante a grande convulsão religiosa do século XVI. Entretanto, esse movimento não foi nem marginal nem periférico em seus direcionamentos básicos e vitalidades espirituais. Englobando tanto o ecumenismo quanto o sectarismo, tanto a revolução violenta quanto o comunismo pacifista, sublimando os impulsos ascéticos, místicos e racionalistas da baixa Idade Média, a Reforma radical, considerada como entidade, apresentou uma crítica completa ao corpus christianum em suas principais mutações protestante e católica romana.¹

George afirma que esse movimento não foi nem marginal nem periférico em seus direcionamentos básicos e vitalidades espirituais. Os autores ponderam que no caso dos espiritualistas, a radicalidade residia na experiência interior do Espírito e que a relação entre o Espírito e as Escrituras é um tema comum que perpassa de forma especial esse grupo.²

O movimento da Reforma Radical, embora marginalizado, contribuiu para a construção identitária tanto do protestantismo como de outros movimentos que dele surgiram, no século XVII por exemplo, podemos ver indícios do pentecostalismo no decorrer da história, com a presença dos Quacres³ (tremedores) no ano de 1656. O pentecostalismo nos Estados Unidos foi também influenciado pelo pietismo europeu surgido na Alemanha no século XVII.⁴ No século XVIII surge um grande despertar que atinge todas as denominações, especialmente entre batistas e metodistas,

¹ GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 252, *apud* TERRA, Kenner Roger Cazotto. OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Hermenêutica no espírito: a leitura bíblica na Reforma Radical*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 57, n. 1, p. 46-59, 2017. p. 51s.

² TERRA; OLIVEIRA, 2017, p. 52.

³ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 586.

⁴ Os pentecostais norte americanos no fundo articularam o foco central do pensamento pietista. Seu principal ímpeto na Alemanha veio do trabalho de Johann Arndt (1555 – 1621) que edita as obras de Tomás de Aquino e Johannes Tauler, tornando desta forma o misticismo católico acessível aos crentes luteranos. ARAUJO, 2007, p. 586.

liderado por Charles G. Finney (1792-1875). Nesta época não apenas as manifestações, mas densos ensinamentos e livros considerados pentecostais começaram a surgir.⁵

O movimento de santidade (*holiness*) no final do século XIX, foi um dentre tantos movimentos e manifestações que também inspiraram o pentecostalismo dos Estados Unidos.⁶ Estes foram movimentos dissociados de qualquer estrutura puramente racionalista. Embora alguns de seus fundadores tentassem equilibrar as manifestações experienciais destes grupos também dando destaque a aspectos racionais, sua ênfase convergia para a experiência. Contudo, foi no final do século XIX e início do século XX que o pentecostalismo, um movimento leigo difundido principalmente por William J. Seymour⁷, teve início nos Estados Unidos e é este movimento que, embora procedente de um seminário teológico, tinha uma ênfase experiencial, que vai marcar profundamente o pentecostalismo no Brasil e seu entendimento sobre educação teológica.⁸

Desde sua gênese a Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil tem se deparado com o conflito entre educação teológica formal e informal, e as discussões sobre este tema sempre foram muito intensas entre a liderança no país, pois apesar do grande esforço posterior feito pelos missionários norte-americanos para o estabelecimento desta, o que sempre prevaleceu foi a posição contrária dos pastores brasileiros e suecos. Contudo, mesmo em meio à forte oposição a educação teológica vem aos poucos se estabelecendo no Brasil.

O Estado de Santa Catarina também contou com pioneiros na área da educação que empenharam esforços para que hoje pudéssemos contar com um centro de educação na cidade de Joinville que oferece desde a educação infantil até o ensino médio no Colégio Evangélico Pastor Manoel Germano de Miranda e a Faculdade Refidim, que dispõe de cursos de graduação em Teologia presencial e à distância, pós-graduação e projeto para o primeiro mestrado em Teologia Pentecostal do Brasil com funcionamento a partir de 2020.

⁵ ARAUJO, 2007, p. 588.

⁶ ARAUJO, 2007, p. 587.

⁷ ARAUJO, 2007, p. 603.

⁸ Seymour estudou no seminário teológico de Charles Parham (por ser negro não podia ficar dentro da sala de aula e assistia as aulas do lado de fora) e lá teve os primeiros contatos com o pentecostalismo. O seminário de Parham foi o lugar onde se inaugurou o movimento pentecostal moderno. SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes: Relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2012. p. 156.

Após cem anos de existência da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, a liderança da mesma tem se visto em um momento muito delicado de sua história, onde pela falta da educação teológica formal (não se trata de algo generalizado, a oposição ainda continua) o movimento tem sofrido uma considerável perda identitária, e com isso a liderança assembleiana há alguns anos tem percebido o prejuízo que a falta da educação teológica formal causou para igreja.

Por muito tempo o anti-academicismo foi uma forte marca do pentecostalismo do Brasil, contudo, a oposição não significa que o movimento não se preocupou com a reflexão bíblica. Eles apenas tinham uma forma diferente de fazer teologia, mas que os levou para um outro extremo. Isto não necessariamente seria uma atitude anti-intelectualista, mas uma tentativa de mostrar e denunciar que algo estaria errado na forma tradicional de se fazer teologia. Fernando Albano, entre outras ideias, defende em sua tese que “doutrina e experiência sempre foram dois eixos fundamentais da teologia Pentecostal, que certamente houve desequilíbrios, no entanto, reflexão bíblica e experiência estiveram presentes no pentecostalismo desde as suas origens”.⁹

Portanto, a pesquisa desenvolvida visa resgatar parte da história e do funcionamento da educação teológica nas Assembleias de Deus (ADs) no Brasil, em específico, no estado de Santa Catarina, bem como analisar a postura de seus líderes sobre o ensino teológico e como ele se desenvolveu a partir da história. Este conflito não acontece apenas no pentecostalismo, mas está presente também em outras denominações evangélicas, passando os seminários a serem vistos como um caminho perigoso e que ameaça a fé do indivíduo. Pommerening pondera que “embora seja um tema antigo na teologia, não há muitas obras que o abordam. Neste sentido, é um tema novo, e ainda sem solução, especialmente para o pentecostalismo”.¹⁰

No seminário, a Palavra (*logos*) é ensinada, e esta pode ser desvirtuada pela palavra (expressão de símbolos vocálicos)¹¹ e, conseqüentemente, o aluno do curso

⁹ ALBANO, Fernando. *O Espírito no mundo: Pneumatologia pentecostal em diálogo com Paul Tillich*. 2017. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2017. p. 31.

¹⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de Pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na Teologia Pentecostal*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015. p. 18.

¹¹ POMMERENING, 2015. p. 19.

de teologia pode sofrer ao se deparar com uma deformidade em sua formação. Peterson sobre isto adverte:

Os médicos correm o risco constante de se tornarem insensíveis ao sofrimento; os advogados, o de descrerem da justiça; e os que pensamos, conversamos, lemos e escrevemos sobre Deus, o de que as próprias palavras que usamos acerca de Deus nos separem de Deus, a mais maldita de todas as deformações.¹²

Em vista destes fatos, viu-se necessário dar continuidade às pesquisas já realizadas sobre a educação teológica no meio pentecostal, especificamente à pesquisa de Claiton Ivan Pommerening¹³ que intenta explicar as razões de os pentecostais “preferirem teologias de caráter mais devocional e experiencial em detrimento de teologias mais reflexivas e críticas, levando em conta a ênfase dada à teologia mais de caráter pneumatológico”¹⁴. Além de propor também um “método teológico que tenta conciliar o legado teológico pentecostal com teologias acadêmicas e reflexivas, na tentativa de traçar um possível caminho para a teologia pentecostal que ainda está em desenvolvimento”¹⁵.

Em vista disso, esta pesquisa foca-se nos cursos de teologia, antes e depois do reconhecimento pelo MEC, oferecidos na Faculdade Refidim, uma faculdade pentecostal situada em Joinville SC e mantida pela AD. O trabalho visa refletir sobre a teologia desenvolvida neste ambiente acadêmico e pensar como a teologia do Espírito pode se relacionar com os cursos de teologia depois do reconhecimento pelo MEC, “pois na intenção de tirar o caráter devocional do curso, depois do reconhecimento, se restringiu também reflexões sobre o jeito pentecostal de compreender Deus”¹⁶.

A motivação desta pesquisa deu-se em função de minha própria experiência acadêmica. Desde o primeiro ano no curso de teologia questionava o distanciamento existente entre o que me era ensinado em sala de aula e a relação com a vida cotidiana e com a comunidade a qual pertencia. Percebia que os caminhos pelos quais

¹² PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 81.

¹³ Diretor da Faculdade Refidim, uma faculdade pentecostal situada em Joinville/SC.

¹⁴ POMMERENING, 2015. p. 08.

¹⁵ POMMERENING, 2015. p. 08.

¹⁶ SANTOS, Andréa Nogueira dos. Teologia do Espírito e sua relação com os cursos de teologia. *Revista Repas*, Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 1-10, fev. 2017, p. 08. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/8>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

eu, como uma pentecostal, chegava a Deus estavam se fechando devido aos novos conhecimentos absorvidos no espaço acadêmico.

Contudo, devido à inquietação e à inconformidade com a situação de crise vivenciada, comecei a perceber que, apesar das fortes críticas dos professores quanto aos exageros do universo pentecostal, poderia encontrar outros caminhos para manter esta relação experiencial com o sagrado. Ao invés de permitir a desconstrução proposta, me organizei internamente resignificando os valores já construídos a partir dos novos conhecimentos que recebi. Mantive, em ambiente acadêmico, o desejo de conciliar os novos conhecimentos com a experiência religiosa que sempre foi real para mim, por isso, reitero que a motivação para esta pesquisa foi minha própria experiência com a realidade acadêmica.

No primeiro capítulo, Contexto histórico da teologia nas Assembleias de Deus do Brasil: Faculdade Refidim pré e pós reconhecimento pelo MEC, será feito um levantamento histórico sobre o estabelecimento dos dois modelos teológicos para as Assembleias de Deus no Brasil e algumas das mais importantes discussões que aconteceram nas convenções gerais da AD (CGADB) aonde a discussão sobre a educação teológica formal no Brasil entrou em pauta. Se fará também um resumo biográfico sobre John Peter Kolenda e os primeiros passos dos institutos bíblicos no Brasil e em específico em Santa Catarina culminando com um breve resumo histórico da Faculdade Refidim.

Para o levantamento biográfico dos principais personagens na história da educação teológica no Brasil e em Santa Catarina, foram utilizadas obras biográficas destes e também referências extraídas dos principais veículos de comunicação da época tais como: Os jornais Boa Semente e Mensageiro da Paz, a revista A Seara, além de obras de autores como Donald Gee, Eurico Bergsten, Myer Pearlman, Orlando Boyer, Emílio Conde e Silas Daniel, que remontam a história do movimento no Brasil. Será abordado o estabelecimento dos modelos teológicos nas ADs brasileiras, um pequeno resumo do visionário que lança as sementes para implantação dos institutos bíblicos no Brasil, os primeiros passos dos institutos bíblicos no Brasil e especificamente em Santa Catarina e Joinville e um breve resumo da história da Faculdade Refidim até os dias atuais.

No segundo capítulo, “A teoria do conhecimento empírico e a compreensão teológica da Assembleia de Deus sobre a doutrina pneumatológica,” será feita uma análise da teoria do conhecimento a partir dos principais expoentes do empirismo tais

como: Immanuel Kant, David Hume, John Locke e George Berkeley. Examinar-se-á os conceitos sobre experiência a partir do teólogo alemão Rudolf Otto, observando a compreensão e o fundamento doutrinal da teologia do espírito nas Assembleias de Deus, sua apologia à doutrina do Espírito Santo na perspectiva da obra “Teologia Sistemática Pentecostal” de Stanley Horton, do “Dicionário do Movimento Pentecostal”, organizado por Isael de Araújo, dentre outras obras relevantes para a cristalização da doutrina pneumatológica pentecostal, expressa nos jornais Boa Semente e Mensageiro da Paz e da revista A Seara. Abordar-se-á também neste capítulo o inconsciente afastamento da AD no Brasil da doutrina do Espírito Santo.

E, por fim, o terceiro capítulo trata de “A teologia do Espírito e o espaço acadêmico: desafios para a elaboração de um currículo acadêmico-experiencial e para a formação de teólogos e teólogas pentecostais”. A pesquisa abordará as dificuldades e os possíveis caminhos de relação entre o academicismo e a teologia do Espírito através de um currículo que atenda demandas na formação de um teólogo pentecostal. Assim sendo, a pesquisa aborda o problema da falta de relação da academia com a experiência pentecostal, exporá proposta baseada no docente como agente motivador da relação acadêmico-experiencial, e os desafios para a formação teológico-pentecostal do aluno e aluna do curso de teologia.

A pesquisa se concluirá com a proposta da pneumatologia como uma das bases para a construção de um currículo acadêmico-experiencial. Para tanto, nos ateremos ao modelo educacional proposto por Rega, a fim de auxiliar na reflexão sobre a construção de um currículo que norteie o aluno pentecostal em sua caminhada acadêmica. Como base epistemológica para a construção de um currículo acadêmico-experiencial, relacionaremos este modelo curricular aos conceitos de teologia do Espírito propostos pelos teólogos pentecostais: Kenneth J. Archer e Bernardo Campos.

O intuito com a presente pesquisa é que, a partir da construção de um currículo acadêmico-experiencial, pontos de relação entre o conhecimento acadêmico e a experiência de vida “possam se afinar no pensamento do estudante pentecostal, pois caminhar pelo academicismo e abrir mão de uma das doutrinas basilares do movimento pentecostal é promover um desserviço ao movimento”¹⁷.

¹⁷ SANTOS, Andréa Nogueira dos. *Teologia do Espírito e sua relação com os cursos de teologia*. Revista Repas, Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 08, fev. 2017. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/8>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

O desafio é grande, contudo, ao encontrarmos caminhos de conciliação entre a Teologia do Espírito e o academicismo, caminhamos rumo a tentativa de equilíbrio entre essas duas grandezas. Assim sendo, teremos uma possibilidade maior de, através da educação teológica alcançar o estudante pentecostal, não apenas racionalmente, mas em sua totalidade, valorizando também a dimensão afetiva e experiencial do mesmo. Deste modo, compreende-se que a Teologia do Espírito se torna vital nos cursos de teologia, autorizados ou não pelo MEC, pois ela promove a criação de pontes para que o estudante pentecostal assimile os novos conhecimentos de forma produtiva, e ao mesmo tempo, mantenha as legítimas convicções pentecostais com integridade.¹⁸

¹⁸ SANTOS, 2017.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA TEOLOGIA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL: FACULDADE REFIDIM ANTES E DEPOIS DO RECONHECIMENTO PELO MEC

Um resgate histórico dos fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren e Daniel Berg, lança luz sobre os paradigmas empregados para constituição da educação teológica assembleiana no Brasil. Adolf Gunnar Vingren nasceu em uma região agrícola da Suécia em 1879. Filho de um jardineiro batista,¹⁹ seguiu a profissão do pai trabalhando como jardineiro até 1903, contudo, desde os nove anos de idade já se sentia vocacionado para o ministério eclesiástico.²⁰ Por volta do ano de 1898, aos 19 anos, teve a oportunidade de estudar por um mês em uma escola bíblica em Götabro, Närke, na Suécia, tendo registrado em seu diário a intensidade desse breve momento de preparo intelectual por ele vivido: “nunca mais na minha vida recebi uma instrução tão profunda como aquela”.²¹

Seguindo o rumo de familiares, em 1903, viajou para os Estados Unidos e no ano seguinte ingressou em um seminário teológico sueco da Igreja Batista na cidade de Chicago,²² onde estudou durante quatro anos, até formar-se em 1909.²³ Sua monografia²⁴ foi sobre o tema “O tabernáculo e suas lições”. Após concluir seus estudos, Vingren pastoreou algumas igrejas batistas.²⁵ Em busca de novas experiências religiosas, especialmente o batismo no Espírito Santo, foi à Conferência da Primeira Igreja Batista Sueca²⁶, onde recebeu o batismo no Espírito Santo e também conheceu Berg.

¹⁹ VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro*: Gunnar Vingren. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 17.

²⁰ VINGREN, 1982, p. 17.

²¹ VINGREN, 1982, p. 19.

²² ARAUJO, 2007, p. 900.

²³ VINGREN, 1982, p. 22.

²⁴ No dia 20 de maio de 2010 a CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus – recebeu um e-mail de um ex-missionário norte-americano no Brasil que disse ter uma “reliquia” de Gunnar Vingren e desejava entregá-la à igreja AD no Brasil. O missionário se chama Joel Wright e pertence a antiga convenção Batista Sueca dos EUA à qual Gunnar Vingren pertencera antes de vir para o Brasil. Wright, após trabalhar no Brasil de 1987 a 2007, voltou para os EUA e foi morar na região de Chicago. Ali descobriu nos arquivos do Bethel Seminary, em St. Paul, Minnesota, a monografia de graduação em Teologia de Gunnar Vingren, com autorização do seminário trouxe o arquivo para o Brasil em maio de 2010. O trabalho, escrito a mão no idioma sueco foi traduzido pela CPAD e lançado em forma de livro em 2011: VINGREN, Gunnar. *O tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 22.

²⁵ VINGREN, 1982, p. 22.

²⁶ VINGREN, 1982, p. 26.

Daniel Gustav Högberg²⁷ nasceu em 19 de abril de 1884, na cidade de Vargön na Suécia,²⁸ se converteu com 15 anos e foi batizado na Igreja Batista de Ranum, igreja de seus pais. Berg teve somente uma formação básica na Suécia, sua terra natal²⁹ e quando atingiu 18 anos, em 1902, Berg seguiu o exemplo de muitos de seus compatriotas que, fugindo da crise econômica na Suécia, emigraram para os Estados Unidos, ali nos Estados Unidos fez um curso de fundidor,³⁰ profissão que garantiu seu sustento quando veio como missionário ao Brasil. Berg foi um homem humilde, modesto e trabalhador.³¹

Nos Estados Unidos, ele permaneceu até 1908, quando resolveu voltar para a Suécia e ali soube que um amigo de infância havia se tornado pentecostal. Este amigo era Lewi Pethrus³², posteriormente líder do movimento pentecostal sueco. Influenciado por Pethrus, Berg passou a buscar a experiência pentecostal do batismo no Espírito Santo. Em 1909,³³ por ocasião da conferência³⁴ em Chicago, Berg e Vingren se encontraram e conversaram sobre as convicções que cada um tinha; uma delas era que tanto um como o outro acreditava que tinha uma chamada missionária. A partir desse encontro, os dois, que se uniram em seu ideal missionário, iniciaram ali a história, de forma embrionária, daquele que seria o maior movimento pentecostal do mundo.

²⁷ Em quase todas as obras os autores citam apenas Berg, mas Araújo cita Högberg, ao que tudo indica, Berg, parece ser uma abreviação. Geralmente seu nome é citado como Berg, contudo existem duas versões

²⁸ ARAÚJO, 2007, p. 122.

²⁹ BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 11.

³⁰ BERG, 2007, p. 22.

³¹ ARAÚJO, 2007, p. 122-124.

³² Pethrus era batista e tornou-se pentecostal na Noruega, em 1907, quando foi à Igreja do Tabernáculo ouvir o pregador pentecostal Thomas B. Barrat, pastor metodista norueguês de Kristiania, atual Oslo. Neste dia Lewi Pethrus foi transformado, primeiro pela mensagem e depois pelo Batismo no Espírito Santo. Ao voltar para Estocolmo, depois de certo período, a Igreja Batista Filadélfia de Estocolmo não mais aceitou o seu ministério devido a sua mensagem pentecostal. Segundo Freston, (FREESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (et al.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. X(inicial) – Y (final), p. 80.) “esta experiência deixou marcas por muitos anos na AD do Brasil, devido à ascendência de Pethrus sobre os missionários suecos”. Em 1910 Pethrus assumiu o pastorado da igreja batista de Estocolmo, a qual foi excluída da denominação em 1913. Esta igreja passou a se chamar Igreja Filadélfia e foi responsável pelo envio e sustento de muitos missionários suecos no Brasil, “apoiando financeiramente o incipiente trabalho de Berg e enviando outros missionários”. Cf. OLIVEIRA, José de. Pentecostalismo nossas raízes históricas. *Revista Obreiro Aprovado*, Rio de Janeiro, CPAD, n. 65, p. X-Y, abril/maio de 1995. p. 23, apud PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. *Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2008. p. 63.

³³ VINGREN, 1982, p. 26.

³⁴ Vingren fala da conferência, mas não traz detalhes sobre a mesma, o dicionário do movimento pentecostal também cita a conferência (p. 123) e outra vez sem detalhes. VINGREN, 1982. p. 27.

1.1 O estabelecimento dos modelos de educação teológica para as Assembleias de Deus no Brasil

Em 19 de novembro de 1910 os dois pioneiros chegaram ao Brasil³⁵ e em 18 de junho de 1911 fundaram a AD - Assembleia de Deus³⁶ no Brasil.³⁷ Enquanto Berg empreendia esforços nos trabalhos evangelísticos, Vingren pastoreava os poucos adeptos que a nova igreja ganhava. Berg também foi o responsável pela distribuição de Bíblias pelos interiores do Pará e vários outros estados. Sobre isto Pommerening considera que,

[...] as pessoas que Berg alcançava eram como ele, pessoas da classe mais pobre, que mais tarde vieram a se tornar líderes e pastores da igreja. Embora Vingren fosse mais culto e influente que Berg, foi este último que formatou o estilo de pessoas que, inicialmente, aderiram à nova igreja: gente simples e sem muitos estudos formais. Deve-se levar em conta ainda que no censo de 1920, quase 70% da população brasileira se dedicava à agricultura, viviam no campo. Conseqüentemente, com o rápido crescimento da igreja, as lideranças foram sendo escolhidas entre estes homens iletrados.³⁸

Décadas mais tarde, Escolas Bíblicas informais e Institutos Bíblicos formais seriam dois modelos de educação teológica a duelarem durante décadas dentro das ADs.³⁹ Berg, o menos escolarizado, representava o modelo teológico das Escolas Bíblicas, mais simplistas e conservadoras no sentido de perpetuar o que já havia se estabelecido como doutrinas pentecostais, eram de caráter mais devocional. Vingren representava os Institutos Bíblicos de caráter mais formal e crítico, “adotando estudos sistemáticos, de longa duração, com regime de internato”.⁴⁰ Portanto, cada um com suas características particulares, acabaram se tornando elementos fundamentais para direcionar os rumos que a teologia assumiria em terras brasileiras.

A primeira edição das Escolas Bíblicas no Brasil aconteceu em abril de 1922⁴¹ e teve “Samuel Nyström como um de seus principais professores durante os 30 anos”⁴² que trabalhou no Brasil.⁴³ Nyström, obstinado opositor da criação dos

³⁵ VINGREN, 1982, p. 30.

³⁶ Inicialmente denominada “Missão de Fé Apostólica.” O nome “Igreja Evangélica Assembleia de Deus” foi adotado no Brasil em 1918, após a criação nos EUA, em 1914, de uma igreja pentecostal sob este nome.; cf. POMMERENING, 2015, p. 21. [Esta informação, embora em si importante, tem relevância para a criação das AD no Brasil? A AD era mista por aqui? Ou seguiu o exemplo branco dos EUA? Veja no que sugiro, simplesmente tirar a informação.]

³⁷ ARAÚJO, 2007, p. 123.

³⁸ POMMERENING, 2015, p. 21.

³⁹ A partir deste ponto será usada a sigla ADs para abreviar Assembleias de Deus.

⁴⁰ POMMERENING, 2015, p. 25.

⁴¹ ARAÚJO, 2007, p. 282.

⁴² POMMERENING, 2015, p. 30.

⁴³ De acordo com os Mensageiros da Paz do final da década de 30 e início de 40, as Escolas Bíblicas tinham a presença permanente de Samuel Nyström como pregador. ARAÚJO, 2007. p. 558.

Institutos Bíblicos, teve grande influência sobre as principais decisões dentro da AD naquela época.⁴⁴ A este respeito Pommerening reitera que:

Foi Samuel Nyström quem ajudou a formatar o *ethos* das Assembleias de Deus no Brasil, tomando lugar nas principais decisões, aconselhando os pastores e organizando o pensamento teológico. Sua influência foi tão marcante que a sua opinião foi a que prevaleceu quanto a não consagrar mulheres ao pastorado e liderança de igrejas na 1ª convenção de pastores em 1930, contrariando o pensamento de Vingren, que apoiava tal ideia, sendo Frida Vingren, sua esposa, uma ardorosa pregadora, escritora e líder.⁴⁵

Contudo, a partir de 1930 os missionários americanos começaram a chegar ao Brasil e dada a evidente superioridade em sua orientação teológica um novo rumo foi dado para a teologia na AD. Como os suecos resistiam a este modelo de teologia chegando ao ponto de tratar os Institutos Bíblicos pejorativamente de “fábricas de pastores”,⁴⁶ a Missão Livre Sueca se opôs à entrada dos missionários das ADs norte-americanas no Brasil,⁴⁷ pois os suecos os consideravam “liberais” em relação à “doutrina” da igreja no Brasil. Apenas na Convenção Geral de 1937 em São Paulo a presença desses missionários foi aprovada no Brasil, desde que os mesmos se submetessem aos líderes brasileiros.⁴⁸

A partir desse período fica evidente a mudança, quanto ao modelo teológico que vai se concretizando, “numa pesquisa ao jornal *Mensageiro da Paz*, das décadas de 40 e 50, nota-se que os destaques nas escolas bíblicas agora eram os missionários norte-americanos Lawrence Olson, Leonard Pettersén, Teodoro Stohr e John Peter Kolenda”⁴⁹, mais conhecido como J. P. Kolenda. Pode-se dizer que neste período inicia-se o processo de cristalização⁵⁰ da teologia pentecostal no Brasil, uma vez que somente com os missionários norte-americanos houve uma sistematização maior das doutrinas bíblicas nas ADs.

⁴⁴ A partir deste ponto será usada a sigla AD para abreviar Assembleia de Deus.

⁴⁵ POMMERENING, 2015, p. 27.

⁴⁶ Esta expressão foi oficialmente utilizada pela primeira vez nas Assembleias de Deus na convenção geral de 1948 e foi verbalizada pelo Pr. Francisco Pereira. DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 254.

⁴⁷ PLÁCIDO, 2008, p. 63, p. 79.

⁴⁸ DANIEL, 2004, p. 134.

⁴⁹ ARAÚJO, 2007, p. 558.

⁵⁰ Estado do que se tornou imóvel, se tornou fixo.

1.2 John Peter Kolenda, o visionário que lança as sementes para implantação dos institutos bíblicos no Brasil

John Peter Kolenda, o maior incentivador do ensino teológico na AD do Brasil, nasceu em Gelsenkirchen na Alemanha em 1898, porém aos quatro anos de idade veio para o Brasil com sua família fixando residência em Barão do Triunfo (RS) e depois em Porto Alegre (RS). “Seu pai era pastor luterano e passou a servir a comunidade luterana no Rio Grande do Sul.”⁵¹

Aos onze anos de idade J. P. Kolenda⁵² muda-se para os Estados Unidos com sua família, onde aos 16 anos vive sua experiência de conversão. Nesse ínterim ele “teve contato com o movimento pentecostal que estava começando a progredir naquela região com as campanhas de Aimee Semple McPherson,⁵³ e recebeu o batismo com o Espírito Santo.”⁵⁴

Determinado a seguir sua vocação, ele ingressa no curso de teologia em Pasadena em 1921, é ordenado pelo ministério das ADs do estado da Califórnia em 1922. Ali mesmo, no instituto bíblico, conhece a jovem Marguerita Westmark com quem se casou em 1922 e teve duas filhas: Grace e Dorothy. J. P. Kolenda tornou-se um líder de decisiva influência nas ADs de Michigan, Ohio e Indiana, fundando igrejas que figuraram entre as maiores nos Estados Unidos naquela época. No entanto, Kolenda nunca se esqueceu do Brasil e conservava vivo o desejo de voltar e se dedicar ao trabalho eclesiástico em terras brasileiras.⁵⁵

Em 1939, chega ao Rio de Janeiro com sua família, segue para o Rio Grande do Sul e “pouco tempo depois muda-se para o estado de Santa Catarina, onde concentrou seus esforços na evangelização e ensino da Bíblia.”⁵⁶ Quando chegou em Santa Catarina estabeleceu residência em Florianópolis, onde pastoreou a igreja que ali existia por um longo tempo. A AD já havia começado no estado no ano de 1931 na cidade de Itajaí, todavia, foi sob a liderança do missionário J. P. Kolenda que a igreja viveu sua primeira “explosão” de crescimento. Ele “foi o primeiro líder oficial das ADs em Santa Catarina e quem separou” para o trabalho eclesiástico “os primeiros dois pastores deste estado: Manoel Germano de Miranda e Antônio Lemos.”⁵⁷

⁵¹ ARAÚJO, 2007, p. 414.

⁵² A partir deste momento o nome John Peter Kolenda será abreviado por J. P. Kolenda.

⁵³ Fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular e do *Angelus Temple*, nasceu em 1890 no Canadá e é considerada a “estrela” do pentecostalismo norte-americano; ARAÚJO, 2007, p. 451.

⁵⁴ ARAÚJO, 2007, p. 414.

⁵⁵ BRENDA, 1984, p. 40 - 51.

⁵⁶ ARAÚJO, 2007, p. 414

⁵⁷ ARAÚJO, 2007, p. 414.

Sua história como pastor e desbravador do Evangelho em Santa Catarina é certamente uma bela história a ser lembrada. Foi sua luta em prol do estabelecimento da educação teológica nas ADs no Brasil que o manteve comprometido com o trabalho evangelístico, até quase os últimos dias de sua vida, destacando-se como um dos mais poderosos pregadores e mestres da Palavra entre as ADs brasileiras.

Mostrando-se um grande visionário, investiu forças na área da literatura nas ADs para atender a milhares de novos convertidos, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Implantou o ensino bíblico sistemático nas ADs, projetou a escola bíblica por correspondência⁵⁸ com sede em Lavras (MG), fundou o Instituto Bíblico Instituto Bíblico Bereano⁵⁹, que serviu a centenas de obreiros nos estados do Pará, Maranhão e Piauí.

J. P. Kolenda viu também a necessidade da ampliação da CPAD que na época funcionava em uma única sala e só editava o jornal *Mensageiro da Paz* e as revistas da EBD⁶⁰ e com a aprovação da Convenção Geral. Em 1946, lançou uma campanha nos Estados Unidos e no Brasil arrecadando recursos que investiu em máquinas impressoras, equipamento gráfico necessário, mão de obra qualificada e também na compra de um prédio próprio para a editora. A partir de 1952 ele entrega a direção do trabalho em Santa Catarina e se dedica exclusivamente a CPAD, sendo membro do Conselho Administrativo da editora.

Tendo em vista a brevidade do trabalho não será possível uma ampla abordagem dos feitos de J. P. Kolenda, que se estendem a vários outros países e frentes de trabalhos evangelísticos. J. P. Kolenda morreu aos oitenta e cinco anos de idade no ano de 1984, em Modesto na Califórnia, e deixa às ADs no Brasil uma história de luta inigualável em favor da educação teológica. Lançou as sementes para a organização dos institutos bíblicos que hoje existem em Pindamonhangaba, no Rio de Janeiro, Manaus, Santa Catarina e outras tantas cidades. Sobre isto Brenda reitera que

O sonho que J. P. Kolenda tinha era o evangelismo, o estabelecimento de igrejas, a educação e a literatura. Suas ideias acerca da educação e das escolas eram muito prematuras para aquele tempo. Tinha o zelo, a energia, o entusiasmo e a visão com o poder do Espírito Santo, mas não conseguiu concretizar a ideia da Escola Bíblica, por causa das circunstâncias daqueles

⁵⁸ Os principais: ICI – Instituto por Correspondência Internacional (1972), Instituto Bíblico Beréia (1978), IBADAM - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Amazonas (1979), EETAD – Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (1979); POMMERENING, 2015, p. 31.

⁵⁹ BRENDA, 1984, p. 127.

⁶⁰ ARAÚJO, 2007, p. 415.

tempos. O resultado dos seminários liberais nas denominações tradicionais levaram os líderes a ter um mau conceito da educação teológica.⁶¹

1.3 Os primeiros passos dos institutos bíblicos no Brasil

Desde 1943⁶², o ensino teológico foi alvo de intensos debates entre os pastores nas Convenções Gerais das ADs. Nessas discussões os missionários John Peter Kolenda, N. Lawrence Olson e Orlando Spencer Boyer,⁶³ junto a alguns poucos pastores brasileiros foram defensores incansáveis da abertura de institutos bíblicos nas ADs do Brasil. A oposição à criação dos institutos por parte dos missionários suecos e dos pastores brasileiros era ferrenha. Uma das principais alegações era que a “inovação” traria formalismo para a igreja e a condenaria ao mesmo fim das igrejas tradicionais, que, por aderirem a seminários teológicos liberais, sofriam as consequências da apatia espiritual e falta de crescimento.⁶⁴

Mesmo diante da oposição na Convenção de 1946,⁶⁵ J. P. Kolenda defende a proposta outrora feita por Lawrence Olson na Semana Bíblica de 1943 sobre a fundação de Institutos Bíblicos, depois de analisada e debatida a mesma foi lida como proposta pelo missionário Virgil Smith⁶⁶ aos convencionais como se segue:

Considerando a grande necessidade de Institutos Bíblicos no Brasil, e o interesse geral manifestado, proponho que a Convenção autorize ao irmão Kolenda solicitar ofertas nos Estados Unidos para este projeto, como também procurar uma propriedade, seja terreno ou prédio, sendo que a aquisição da mesma depende da colaboração dos pastores em cuja zona a propriedade se encontre.⁶⁷

Depois de cuidadosamente considerada a proposta de Smith foi aprovada pela maioria dos votos. Na convenção de 1948,⁶⁸ com a maioria dos pastores contrários à abertura dos institutos bíblicos, decidiu-se por realizar mais escolas bíblicas. Os argumentos contrários à educação teológica formal eram muitos: “Jesus vem breve e não há tempo nem urgência para estudar”, “o conhecimento espiritual

⁶¹ BRENDA, 1984, p. 7-8.

⁶² Assembleia realizada de 16 a 23 de maio de 1943 na AD em São Cristóvão no Rio de Janeiro e liderada pelo missionário Samuel Nyström; DANIEL, 2004, p. 185.

⁶³ ARAÚJO, 2007, p. 387.

⁶⁴ DANIEL, 2004, p. 194.

⁶⁵ DANIEL, 2004, p. 228.

⁶⁶ J. P. Kolenda e Virgil Smith pastorearam igrejas no sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina.

⁶⁷ DANIEL, 2004, p. 229.

⁶⁸ Assembleia realizada de 22 a 27 de novembro de 1948 na AD em Natal no Rio Grande do Norte. Fato interessante é que esta foi a primeira Convenção Geral em que o missionário Eurico Bergstén participou depois que chegou ao Brasil. Filho de luteranos nascido na Finlândia em 1913, ele se tornou na década de 60 um grande opositor do ensino teológico no Brasil. Nesta convenção Samuel Nyström também assume pela última vez a presidência da CGADB. DANIEL, 2004, p. 124 e 249.

quem dá é o Espírito Santo, muita cultura deixa o crente vaidoso”, “o povo de Deus deve ser humilde, pobre e distante de livros, como os apóstolos de Cristo”.⁶⁹ Argumentava-se ainda que os institutos bíblicos fugiriam da “órbita da igreja local” suscitando uma outra instância de poder, e isto não poderia acontecer pois a direção a seguir “vem do Espírito Santo”.⁷⁰

Nesta convenção J. P. Kolenda era o único missionário norte-americano presente, por outro lado estavam ali nove missionários suecos resolvidos a impedir a aprovação dos institutos,⁷¹ o temor era que o treinamento em institutos bíblicos levasse os obreiros a depender de seu conhecimento e capacidade intelectual ao invés de confiarem unicamente na direção do Espírito Santo e na sua Palavra.

Ao analisar as alegações feitas em oposição aos institutos é notável certo antagonismo por parte das argumentações, que hora pareciam legítimas quando a preocupação era com a provável desvalorização para com a direção do Espírito. Todavia, em outros momentos fica clara a preocupação com a perda e/ou dualidade de poder, já que os institutos poderiam ser uma força a parte e assim não ficarem mais sob o domínio da igreja. O livro “Matriz Pentecostal Brasileira” de Gedeon Freire Alencar é uma obra de suma importância para compreensão da relação entre poder, legitimidade e dominação nesse movimento”.⁷²

O primeiro Instituto Bíblico a ser criado no Brasil não teve o apoio da AD, a seu favor havia apenas as resoluções da convenção de 1946 que foram, durante os outros anos, duramente criticadas até por fim serem aprovadas. Após 48 anos de

⁶⁹ ARAÚJO, 2007, p. 387s.

⁷⁰ DANIEL, 2004, p. 252.

⁷¹ BRENDA, 1984, p.119.

⁷² O livro de Alencar se trata do mais completo trabalho sobre a maior igreja evangélica brasileira. Gedeon Alencar apresenta em sua obra a maior igreja pentecostal brasileira em sua historicidade e pluralidade, o autor propõe um modelo de compreensão, nomeado “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira” (MPAB), no qual a AD não é entendida como única, mas plural (ADs), enquadrada no que Alencar nomeia de assembleianismos, acompanhando a lógica da própria pluralidade da sociedade brasileira. A obra mostra uma igreja atravessada por diferentes contradições, originária dos encontros dos pentecostalismos sueco, américa e brasileiro a igreja se constitui de classificações tais como: moderna, mas conservadora; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; comunitária, mas hierarquizada. Sua análise sócio histórica do fenômeno se dá a partir de três categorizações periódicas: o movimento pentecostal (1911-1946), a instituição pentecostal (1946-1988) e a corporação pentecostal (1988-2011), o autor desenvolve sua crítica a partir da teoria weberiana dos tipos de dominação: tradicional, carismática e racional, e ele se utiliza muito bem desse instrumental teórico, dando sentido e inteligibilidade à complexa trajetória das ADs No capítulo final do seu livro ele indaga: “Há vida depois do centenário?”, e então elabora o capítulo final do livro, no qual são analisadas principalmente a identidade assembleiana acompanhada de seus elementos centrais, a saber: os Ministérios, a Educação Teológica, as Relações de gênero, a Mídia, as Convenções e os Templos e os meios e as consequências do processo de crescimento que as ADs experimentaram nos últimos anos. A obra de Gedeon Alencar é sem dúvida uma grande contribuição para a sociologia da religião. ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013.

fundação da AD no Brasil João Kolenda Lemos (sobrinho de J. P. Kolenda) e Ruth Dóris Lemos, apesar das oposições, iniciaram as aulas do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, em Pindamonhangaba (SP), em 18 de março de 1959.⁷³ O IBAD foi criado a contragosto de muitos líderes brasileiros como se vê na Convenção Geral de 1966.⁷⁴ Somente na Convenção Geral de 1973,⁷⁵ depois de 14 anos de sua criação, o IBAD é reconhecido, após uma comissão “fiscalizá-lo” e se reunir oito vezes para conseguir deliberar favoravelmente.⁷⁶

O segundo foi responsável pela guinada no ensino teológico no Brasil em 1979 com a fundação por Bernhard Johnson, da EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, com material apostilado distribuído e vendido a várias igrejas do Brasil que quisessem ter um núcleo de estudos por extensão; neste mesmo ano a Convenção Geral das Assembleias de Deus⁷⁷ reconheceu e recomendou o curso com “consenso pleno”.⁷⁸

A partir da década de 1970 houve um grande incremento no crescimento de escolas teológicas⁷⁹ no Brasil com a criação de 24 delas em todo país, sobre isto Pommerening reitera:

A demanda reprimida fez com que houvesse uma explosão de escolas pelo país, mas todas elas de iniciativa local. Não houve a preocupação [...] de um grande projeto nacional além da criação do Conselho de Educação Religiosa. Também não houveram mais contrariedades abertas, mas também não houve incentivo nem união de forças para formar grandes instituições de educação.⁸¹ Embora as escolas teológicas foram aumentadas em número, não houve até então uma relação entre a função pastoral e a educação teológica obrigatória. Essa decisão somente aconteceu na convenção de 1983, mas o texto apenas afirma que um dos requisitos à ordenação de obreiros é que seja “qualificado teologicamente para o manejo da Palavra”, sem citar diretamente que tipo de formação teológica. Isto deu margem para que se continuasse consagrar pastores sem uma instrução teológica formal e densa.⁸²

⁷³ CONDE, Emílio. Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 1, p. 4, 01 jan. 1960.

⁷⁴ DANIEL, 2004, p. 380-381.

⁷⁵ DANIEL, 2004, p. 428.

⁷⁶ DANIEL, 2004, p. 428.

⁷⁷ O presidente da convenção era o Pr. Túlio Barros Ferreira, de inclinação progressista.

⁷⁸ DANIEL, 2004, p. 462.

⁷⁹ Estas escolas seguiam o modelo da EETAD, os livros eram enviados para as igrejas que organizavam encontros semanais, mediados por um professor da própria igreja, para estudar o conteúdo dos livros.

⁸¹ POMMERENING, 2015, p. 41.

⁸² POMMERENING, 2015, p. 42.

1.4 Os institutos bíblicos em Santa Catarina

Os primeiros esforços para fundação dos Institutos Bíblicos no Brasil foram em Santa Catarina. Eles aconteceram por meio do missionário John Peter Kolenda⁸³ a partir do ano de 1956.⁸⁴ De acordo com Edson Kolenda Lemos duas cidades foram cogitadas para receber o instituto: Joinville ou Brusque. O lugar em Joinville seria um terreno na Av. Procópio Gomes⁸⁵, mas segundo relatos de um pastor⁸⁶, que na época trabalhava com J. P. Kolenda, quando a proposta foi apresentada a diretoria da convenção de pastores de Santa Catarina, depois de um acalorado debate, foi reprovada.⁸⁷ Como a tentativa foi frustrada “o missionário foi forçado a deixar o estado voltando para os Estados Unidos e de lá foi enviado para a Alemanha, onde o dinheiro⁸⁸ que era para ter sido investido na criação do instituto em Santa Catarina, foi destinado para o mesmo fim naquele país”.⁸⁹

Mas esta não foi a primeira tentativa. No ano de 1951, seu sobrinho João Kolenda Lemos e sua esposa Ruth Dóris Lemos voltaram ao Brasil com a intenção de iniciar um Instituto Bíblico. No entanto, o tempo era de muita oposição, era algo quase impossível fundar um Instituto Bíblico e quem o fizesse corria o risco de ser excluído da AD. A oposição aos institutos⁹⁰ era aberta e os pastores brasileiros diziam que a teologia estava corrompendo e que isto ia estragar a igreja. Havia também um outro problema, os institutos permitiam a inclusão de mulheres e isto desagradou muito a liderança da igreja no Brasil e para resolver este problema ficou acordado entre os pastores que 51% dos estudantes da escola fossem do sexo masculino.⁹¹

Atualmente a AD em Joinville é destaque no sul do Brasil no que refere à educação teológica. Desde muito cedo houve preocupação, por parte de alguns

⁸³ A entrevista referenciada a partir de agora se trata de uma entrevista original foi dada por Edson Kolenda Lemos a Claiton Ivan Pommerening no dia 15 de fevereiro de 2013. [Teria que ter autorização por escrito, pelas regras da boa prática acadêmica. Como quem fez a entrevista e deveria ter autorização é o Pr. Claiton, podes simplesmente deixar apenas a primeira parte.]

⁸⁴ LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

⁸⁵ LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

⁸⁶ LEMOS, Issac Kolenda. Barra Velha, 07 jan. 2000. Depoimento concedido a Marcos Tedesco.

⁸⁷ Para a reprovação foram relatados até mesmo sonhos de sentido pejorativo que alguns pastores de Santa Catarina tiveram com J.P. Kolenda.

⁸⁸ Um norte-americano chamado Bryan Smith havia destinado US\$20.000,00 para este fim, entretanto, como não foi aprovado no Brasil, o dinheiro acabou não sendo doado, conforme: BRENDA, 1984, p. 118-120.

⁸⁹ POMMERENING, 2015, p. 37.

⁹⁰ LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 maio 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Jeremias do Couto, apud POMMERENING, 2015, p. 27.

⁹¹ POMERENING, 2015, p. 27.

poucos líderes, em estabelecer cursos teológicos, porém, a história de lutas e oposições à teologia em Joinville. Em nada difere dos outros lugares do país.

A primeira tentativa concreta foi no final da década de 1970 com o Instituto Bíblico Beréia, que nasceu do desejo dos pastores Edino Fialho Fonseca e Liosés Domiciano de trazer para Joinville um instituto bíblico. O pastor Edino havia estudado no IBAD e depois de um período como missionário na Bolívia voltou a Joinville com um grande desejo de criar uma instituição teológica. O Pr. Liosés, por sua vez, tinha o desejo de capacitar os jovens envolvidos no trabalho eclesiástico, assim ambos se juntaram e fundaram o Instituto Bíblico Beréia, o primeiro Instituto das ADs no estado de Santa Catarina.⁹²

Todavia, após algum tempo, o Pr. Edino Fonseca se ausentou de Joinville e, para suprir a ausência do colega, o Pr Liosés Domiciano convidou o Pr. Esmael Arcas, diretor do instituto Beira Mar da igreja Presbiteriana de Florianópolis, para dar continuidade ao Instituto Bíblico Beréia. Neste interim o Pr. Liosés Domiciano adoece e morre e o novo pastor resolveu não dar continuidade ao instituto, extinguindo-se por um período a formação teológica em Joinville.⁹³

Após a interrupção do Beréia, o Pr. Bernhard Johnson criou no Brasil o curso teológico por extensão denominado EETAD – Escola de Educação Teológica das ADs⁹⁴. Neste mesmo ano o curso se estabeleceu em Joinville tendo como professor o Pr. José Paulino Muller. A aula inaugural ocorreu no dia 27 de agosto de 1979, somando um total de 129 alunos matriculados com aulas todas as segundas-feiras. Joinville se tornou um dos maiores núcleos da EETAD no Brasil com mais de 300 alunos matriculados, quatro anos depois da formatura da primeira turma o seu fundador Pr. Bernhard Johnson esteve em Joinville com toda a diretoria da EETAD nacional. Convém destacar que no início da EETAD não se admitiam alunos que não fossem obreiros e não se admitiam também mulheres. Esta situação? perdurou por doze anos, deixando de existir apenas em 1982.⁹⁵

Embora o curso da EETAD tivesse se desenvolvido, o desejo de que Joinville tivesse um instituto bíblico era muito grande. Por isto no ano de 1988 os pastores Norival David Rosa, Aléssio Marques, José de Oliveira e Ezequiel Carvalho procuraram o pastor Satyro Loureiro e o convenceram da necessidade da escola.

⁹² ALBANO, Fernando et al. *Escolas Teológicas*. In: POMMERENING, Claiton Ivan (Org.). *O reino entre príncipes e princesas: 75 anos de história da Assembleia de Deus em Joinville*. Joinville: Refidim, 2008. p. 81.

⁹³ ALBANO, 2008, p. 82.

⁹⁴ DANIEL, 2004, p. 462.

⁹⁵ ALBANO, 2008, p. 82.

Assim fundaram o IBADEJ – Instituto Bíblico da Assembleia de Deus em Joinville. Devido à forte resistência ao ensino teológico nos primórdios da AD, estratégias foram desenvolvidas para que o mesmo sobrevivesse e o curso teve que se adequar a um caráter mais homilético e biblista.

Uma outra instituição teológica que marcou presença em Joinville foi a FAETEL – Faculdade Teológica de Lorena que formou sua primeira turma em 24 de novembro de 1991. As aulas eram ministradas em cinco módulos e dentre os formandos constam importantes obreiros como o Pr. Satyro Loureiro.⁹⁶

Em 02 de setembro de 1994 foi fundada a EMICS – Escola Missionária por Correspondência Siloé. O curso tinha como objetivo a formação teológico-cultural dos missionários nos seus campos de trabalho, já que os mesmos não tinham condições de frequentar uma instituição em um local específico, as apostilas eram enviadas por correspondência e a duração do curso era de dois anos. A EMICS foi registrada em 15 de maio de 1996 no Conselho de Educação Religiosa da Convenção Geral das ADs no Brasil.

1.5 A Faculdade Refidim

A Faculdade Refidim não nasce como instituto bíblico, antes surge como obra missionária⁹⁷ em 1987, a partir do desejo do Pr. Satyro Loureiro de criar um departamento de missão que na época foi coordenado pelo Pr. Joel Montanha. Todavia, foi sob a liderança do Pr. José João Vieira e com base em uma visão⁹⁸ que

⁹⁶ ALBANO, 2008, p. 84.

⁹⁷ ALBANO, 2008, p. 87.

⁹⁸ “A fundação deste educandário é interessante do ponto de vista da experiência pentecostal, numa clara demonstração de carisma e racionalidade transversalizadas, conforme depoimento de seu fundador. ‘Quando eu morava em Lages, Deus me mostrou em uma visão que eu deveria fundar uma escola teológica em Joinville. Eu vi a fachada dourada da escola, e Deus disse: que aquela parte do prédio simbolizava a palavra de Deus que não pode ser mudada. Quando eu me mudei para Joinville, conversei com os obreiros sobre o assunto, e o pastor Joel Montanha, que era o responsável pelo departamento de ensino executou o projeto. Na primeira aula em uma escola de obreiros, um obreiro, na primeira oração teve uma visão, que tinha vários homens fazendo um poço. Alguns homens estavam dentro do poço cavando, outros puxando com um molinete a terra para fora. O irmão Joel cuidava da corda para não se embaraçar em algum lugar, e eu vinha de vez em quando até a boca do poço e perguntava, já tem água? Até que encontraram água, que transbordou o poço e fez um enorme lago em volta. E na oração final daquela escola, Deus falou em profecia, que não se orgulhassem porque aquela escola era Dele. A minha visão foi baseada, em Êxodo17:1, onde o povo de Israel se acampou em Refidim e não tinha água, mas depois Deus disse para Moisés ferir a rocha e ela jorrou água, e como cumprimento desta visão temos hoje a Faculdade Refidim, que está jorrando a Palavra de Deus para muitas pessoas e muitos lugares. [...] Eu sempre dei muito valor para o estudo genuíno da palavra de Deus, em obediência a bíblia que diz que devemos crescer na graça e no conhecimento, e que devemos manejar bem a palavra da verdade.” VIEIRA, José João. *Nasce a Faculdade Refidim*. Joinville, 20 jul. 2012, p. 46f. Arquivo pessoal POMMERENING, 2015, p. 72, n. 217.

o mesmo teve, é que a Faculdade Refidim se tornou instituto bíblico. Neste episódio nota-se claramente o poder que a experiência exerce na vida do pentecostal e como a mesma se sobrepõe à racionalidade. Em 06 de janeiro de 1999,⁹⁹ a Faculdade Refidim é reconhecida pela Convenção das Igrejas AD em Santa Catarina e Sudoeste do Paraná e em 13 de janeiro de 1999 é reconhecida pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB); A partir de então, o Instituto Bíblico da Assembleia de Deus em Joinville (IBADEJ) foi substituído por esta nova instituição e teve como diretor o Pr. Joel Montanha.

A Faculdade Refidim ofereceu a princípio cursos básico e médio em Teologia.¹⁰² Todavia, a partir do ano de 2002 criou-se o Modular Avançado em Teologia, exclusivo para obreiros da AD que se encontravam uma vez por semana para estudar. Os cursos tornaram-se atraentes também para as mulheres que desejavam aprender Teologia.

Com a criação da Faculdade Refidim o curso EMICS¹⁰⁴ foi substituído pelo nome EPOS – Escola Preparatória de Obreiros Siloé, e substituiu-se também o formato de ensino, que, ao invés de ser por correspondência, agora seria através de núcleos de teologia que acontecem em várias igrejas em Santa Catarina, Brasil e também no exterior. A partir de 2002 a EPOS passou a oferecer também o curso médio e atualmente conta com 214 núcleos em funcionamento e 4.100 alunos matriculados.

Em fevereiro de 2005 assumiu a direção da faculdade o Pr. Claiton Ivan Pommerening e a partir de então esforços concretos foram investidos para que a Faculdade tivesse seu curso de Teologia reconhecido pelo MEC, a finalidade do reconhecimento era avançar de uma teologia devocional para uma teologia mais aprofundada, que possibilitasse uma formação qualitativa principalmente para os líderes que tivessem acesso a ela. O espaço físico foi ampliado, foi oferecida formação acadêmica para o corpo docente, e a faculdade alcançou também independência

⁹⁹ ALBANO, 2008, p. 88.

¹⁰² Os cursos básico e médio são cursos oferecidos pela Faculdade Refidim em uma modalidade semipresencial que acontecem nas ADs uma vez por semana. Neste formato de curso a Refidim disponibiliza os livros e a igreja entra com o espaço para aulas e professor. Este professor não precisa ter diploma formal na área, mas precisa ter relação com o departamento de ensino da igreja. Um livro é estudado por quatro semanas, para formação no nível básico o aluno precisa concluir o estudo de 24 livros e para a formação no médio precisa concluir mais 16 livros. O curso básico e médio totaliza o estudo de 40 livros com conteúdo introdutório aos principais assuntos bíblicos ou relacionados a ela. O conteúdo destes livros foi desenvolvido por uma equipe de pesquisadores pentecostais que trabalham integralmente nesta função há quase 20 anos.

¹⁰⁴ Escola Missionária por Correspondência Siloé.

financeira, logrou êxito na ampliação do acervo da biblioteca e conquistou melhor aceitação da educação teológica por parte dos pastores.¹⁰⁵

Em 1999, foi possível o reconhecimento dos cursos teológicos pelo MEC e, a partir de então, várias ADs do Brasil regularizaram seus cursos livres e outras iniciaram faculdades dentro dos parâmetros da lei. Em Joinville, a Faculdade Refidim, após doze anos de trabalho intenso foi em 01 de junho de 2011, autorizada pelo MEC a oferecer curso superior em Teologia. Neste mesmo ano iniciou também sua primeira turma de Pós-Graduação em Aconselhamento Cristão e hoje está com o curso de Bacharel em Teologia a distância também autorizado e com projeto do Mestrado em andamento, este será o primeiro mestrado pentecostal do Brasil, com previsão de início em 2019.¹⁰⁷

1.6 Considerações Finais

O drama da educação teológica nas ADs não é um capítulo à parte na história do movimento, antes, faz parte de sua gênese. Enquanto alguns de seus fundadores lutaram por toda uma vida para que ela fosse aceita e se tornasse realidade, outros resistiram ferrenhamente aos institutos bíblicos, que pejorativamente foram denominados de “fábrica de pastores”. Assim sendo, se opuseram durante décadas ao aprendizado teológico formal, sendo essa a principal causa do retardamento teológico em que esta igreja centenária se encontra.

As justificativas para a oposição eram muitas, dentre as quais o temor que os líderes brasileiros tinham quanto à perda ou divisão de poder. O instituto bíblico era uma ameaça à grande maioria dos pastores, que naquela época tinham pouquíssima escolaridade. Por outro lado, mesmo com pouca escolaridade conseguiram apoio e oposição suficiente para deter a instrução formal, ou seja, aquilo que os ameaçava e lhes tirava da zona de conforto, e legitimar como “sagrada” a decisão de que estudar era inútil, ler a Bíblia e ser guiado pelo Espírito Santo era suficiente.

A consequência dessa decisão, veementemente defendida como sendo “a vontade de Deus para a igreja”, não demorou muito para se evidenciar, pois a deliberação de certa forma eximiu os líderes da responsabilidade de formar teólogos que pensassem alicerces teológicos, firmes para o movimento pentecostal brasileiro, que seria mais tarde, possuidor da maior igreja pentecostal do mundo.

¹⁰⁵ ALBANO, 2008, p. 90.

¹⁰⁷ SANTOS, 2017. p. 1.

A insuficiência teológica impossibilitou a construção de uma identidade forte nas ADs do Brasil que, pela falta desta, viu-se compelida a buscar bases teológicas oriundas de outros movimentos para fundamentar as doutrinas de uma igreja, que, em ascensão, necessitava de identidade. Porém, esses esforços ao invés de consolidar uma identidade, têm contribuído para a descaracterização deste movimento que na prática, caminha no sentido contrário à sua identidade pentecostal.

O paradoxo presente na educação teológica na AD não diz respeito apenas a esse espaço, antes faz parte, nas palavras de Alencar, de sua essência *brasileiríssima*. Sobre isto o autor pondera que,

Como o Brasil a AD é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; grande, mas fracionada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.¹⁰⁸

Tendo em vista a atual realidade da educação teológica nas ADs do Brasil, não há muito o que se comemorar, especialmente, no que se refere a aceitação institucional da mesma. Ainda existe uma forte oposição, agora mais velada que aberta, por parte de líderes importantes do movimento por todo o Brasil que continuam vendo a educação teológica como uma força paralela, e com isso uma ameaça ao poder estabelecido.

Contudo, apesar da oposição, velada ou não, fato é que a teologia tem se desenvolvido, e por toda parte surgem, não apenas os institutos bíblicos que oferecem cursos livres em teologia, instituições que reconheceram seus cursos pelo MEC e oferecem graduação e pós-graduação em várias partes do país. Um fenômeno presente no movimento nas últimas décadas é a aproximação cada vez maior do pentecostal com a realidade acadêmica, mesmo as ADs optando por ensinamentos que priorizem a experiência em detrimento da racionalidade. Com isso, surge também a necessidade de reflexões que se orientem no sentido de buscar caminhos de relação entre teologia experiencial e acadêmica, com o intuito de direcionar esta nova forma de ser pentecostal.

¹⁰⁸ ALENCAR, 2013, p. 18.

2 A TEORIA DO CONHECIMENTO EMPÍRICO E A COMPREENSÃO TEOLÓGICA DA ASSEMBLEIA DE DEUS SOBRE A DOCTRINA PNEUMATOLÓGICA

Este capítulo se propõe a analisar o pensamento e a posição de alguns filósofos que contribuíram para o desenvolvimento de teorias relacionadas ao conhecimento empírico. Apesar da clara compreensão de que o empirismo pensado e discutido por estes filósofos está distante do horizonte pneumatológico-experiencial do pentecostalismo, entendemos haver similaridades entre a essência destes conceitos e a experiência pentecostal, o que demonstraremos a seguir. Esta análise contribuirá com a fundamentação teórica da teologia da experiência e auxiliará quanto aos caminhos propostos pela autora para associar teologia da experiência e ambiente acadêmico.

2.1 O empirismo e sua relação com a doutrina pneumatológica da Assembleia de Deus

Durante os séculos XVII e XVIII se desenvolveram na Europa correntes de pensamentos filosóficos que sintetizaram, ilustraram e nutriram o pensamento dos séculos posteriores. Estes movimentos se apresentaram como bases norteadoras de uma nova forma de ver o mundo. O teocentrismo entrou em decadência e o antropocentrismo se estabeleceu como centro da vida e com isto duas correntes opostas entram em cena, são elas: o racionalismo e o empirismo.¹⁰⁹

O racionalismo se desenvolveu na França e Alemanha. Entre seus representantes se destacam René Descartes (1596–1650), Gottfried Leibniz (1646–1716) e Baruch Spinoza (1632–1677). A corrente defende postulados como: confiança na razão e neutralidade do conhecimento; propõe conhecimentos verdadeiros e universalmente válidos e que requerem também uma lógica considerada universal; defende que o conhecimento que provém dos sentidos é enganoso e relativo.¹¹⁰

Apesar do movimento defender postulados de confiança na razão, seus representantes se distinguem entre si como é o caso de René Descartes que a partir de suas discussões filosóficas, abre o caminho para a prova racional e existencial de Deus, ao questionar a origem da ideia de Deus ele chega à conclusão de que esta

¹⁰⁹ Ambas as correntes se sintetizaram no idealismo transcendental de Kant, principal expoente destes conceitos.

¹¹⁰ CONSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. *Fides Reformata*, São Paulo. v. 10, n. 1, p. 79-99, 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_X_2005_1/jose.pdf>. Acesso em: mai. 2016.

ideia teria que ter surgido de algum lugar, que não poderia ter surgido do nada, pois o nada não cria nada, logo um ser perfeito não poderia ter surgido deste nada, mas ele próprio seria sua causa.¹¹¹

O movimento empirista surgiu na Inglaterra e teve como representantes Immanuel Kant, David Hume, John Locke e George Berkeley. Enquanto que os representantes racionalistas defendem que o verdadeiro conhecimento deve ser infalível e indubitável, os empiristas também vão à procura dos fundamentos racionais do conhecimento. No entanto, seus conceitos não coincidem com os pensamentos racionalistas, pelo contrário, argumentam que não há conhecimento infalível, que o único conhecimento possível é o conhecimento provável, falível e que provém dos sentidos.

Kant (1724 -1804) o filósofo alemão, fundador da crítica filosófica¹¹² investiga em sua teoria do conhecimento a razão e seus limites e as condições e possibilidades da experiência. Em Kant há duas principais fontes de conhecimento no sujeito: a *sensibilidade*, por meio da qual os objetos são dados na intuição, e o *entendimento*, por meio do qual os objetos são pensados, no conceito.

Na primeira divisão de seu livro *Crítica da Razão Pura*, a Doutrina Transcendental dos Elementos, a primeira parte é intitulada “Estética Transcendental,” estética aqui é referente à teoria da sensibilidade. Nela Kant define sensibilidade como o modo de intuição pura,¹¹⁴ pelo qual somos capazes de receber representações dos objetos da forma como somos afetados por eles.

Para Kant, o conhecimento só é possível se os objetos da experiência forem dados no espaço e no tempo.¹¹⁵ Para o autor, as várias sensações como cheiro, calor, frio, cor, são a matéria do fenômeno ou conteúdo da experiência. No entanto, elas precisam ser sentidas e intuídas (que são o espaço e o tempo), para que tenham algum sentido quando entrarem no campo cognitivo.

Para o autor, não é possível um conhecimento independente da experiência e das impressões de sentido.

¹¹¹ DESCARTES, René. *Los principios de la filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1995. p. 63-64.

¹¹² O sistema Kantiano foi contestado pelos filósofos posteriores, no entanto ele é um divisor de águas na filosofia. Suas teorias estão na raiz das principais correntes da filosofia moderna, da fenomenologia e existencialismo à filosofia analítica e pragmática. SALATIEL, José Renato. *Kant - teoria do conhecimento: A síntese entre racionalismo e empirismo*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/kant---teoria-do-conhecimento-a-sintese-entre-racionalismo-e-empirismo.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

¹¹⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura I: Os Pensadores*. Tradução: J. Rodrigues de Merege. São Paulo. Nova Cultural. 1988. p. 39.

¹¹⁵ KANT, 1988, p. 40-55.

Não se pode duvidar de que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porque, com efeito, como haveria de exercitar-se a faculdade de se conhecer, se não fosse pelos objetos que, exercitando os nossos sentidos, de uma parte, produzem por si mesmos representações, e de outra parte, impulsionam a nossa inteligência a compará-los entre si, a defini-los ou separá-los, e deste modo a elaboração da matéria informe das impressões sensíveis para esse conhecimento das coisas se denomina a experiência?¹¹⁶

É preciso levar em conta que a experiência do mundo empírico e a experiência do pentecostalismo são distintas entre si e também considerar a distinção entre conhecimento científico e religiosidade, os filósofos ao elaborar conceitos sobre o conhecimento empírico não tinham em mente as experiências pentecostais a que nos referimos nesta pesquisa, eles enfatizavam o papel da experiência na formação das ideias, vislumbravam as experiências adquiridas através da observação e o conhecimento resultante do senso comum.¹¹⁷

Todavia, a partir do pressuposto de que o empirismo considera a experiência humana como a responsável pela formação das ideias e conceitos existentes no mundo e que esta experiência não necessita de comprovação científica para ser o que é, logo inferimos que a experiência empírica e a experiência pentecostal possuem similaridades conceituais que possibilitam a reflexão pentecostal sobre a experiência a partir de suas semelhanças.

De acordo com Kant, se o conteúdo da experiência não for levado em conta quando recebido intuitivamente, a síntese dos pensamentos entre racionalismo e empirismo são vazios de mundo (racionalismo); sem os conceitos, eles não têm nenhum sentido. “Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas”.¹¹⁸

David Hume (1711-1776), embora seja um dos nomes proeminentes do empirismo, não ignora o papel da razão no processo de conhecimento. Suas teorias fundamentam-se nas ideias derivadas das percepções, dos sentidos. Em sua obra *Investigação sobre o entendimento humano*, o autor, ao analisar as faculdades mentais que consistem em imaginação e memória, conclui que o nível de vivacidade das primeiras percepções é bem mais intenso.

¹¹⁶ KANT, 1988, p. 7.

¹¹⁷ DICIONÁRIO Português. *Empirismo*. Edição 1.5. Nov 2016. Disponível em: <<http://dicionarioportugues.org.pt/empirismo>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

¹¹⁸ KANT, 1988, p. 75.

Hume afirma que “o mais vívido pensamento é ainda inferior à mais vaga sensação”.¹¹⁹ O autor organiza as percepções da mente de duas formas, de acordo com graus de força e vivacidade. As ideias e os pensamentos para eles são menos vivazes, e as impressões que foram obtidas por meio dos sentidos a partir da experiência, são mais vivazes. Para ele, as ideias sempre se originaram em sensações ou sentimentos anteriores.

Neste sentido, o Espírito Santo seria a energia do numinoso¹²⁰ representada na vivacidade e força com a qual Ele marca o pentecostal a partir da experiência. O Espírito Santo é o símbolo religioso proeminente no Pentecostalismo, sua construção inicia-se a partir da conversão, e tem continuidade com o batismo, que o coloca em contato com a glossolalia. Este selo atua no pentecostal como a força que condiciona e o desperta ao zelo que progrida para a prática ascética.

A obra de Rudolf Otto (1869-1937), *O sagrado*,¹²¹ que tem influência de Martinho Lutero, Immanuel Kant, Nathan Söderblom e Friedrich Schleiermacher, também aponta para um caminho de relação com o pensamento pentecostal pelo fato de expor a experiência com o numinoso e como as pessoas experimentam e se portam ante o sagrado. Otto pondera que “há uma disparidade entre aquilo que é produzido por nossa faculdade do conhecimento e o que é absorvido por nossas impressões, excitada pela experiência sensível”.¹²³

Com isso sua proposta é diferenciar o racional do não racional. Este último não implica irracionalidade da psique, apenas denota existência de inquietudes da psique humana que sobrepujam o dualismo racionalidade/irracionalidade. Para Otto, o numinoso é o elemento principal na experiência religiosa, com isto o autor quer revelar o elemento não racional da religião que foi obscurecido pelo racionalismo.¹²⁴

John Locke (1632-1704), principal representante do empirismo britânico, afirmou que a busca do conhecimento deveria acontecer mediante experiências e não por induções e especulações. Sendo assim, as experiências científicas deveriam se basear na observação do mundo. Em Locke a teoria pressupõe uma prática, assim como o registro pressupõe um fato vivido, logo se a racionalização pressupõe a experiência, aquela pode ser colocada a serviço desta.

¹¹⁹ HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Série Filosofar. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 48 - 54.

¹²⁰ OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 55.

¹²¹ OTTO, 2007.

¹²³ BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado e Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 16.

¹²⁴ BIRCK, 1993, p. 155.

Outra tese de Locke é que não há nada que se possa chamar de inato. Em suas palavras: “ao nascer a mente humana é uma tábula rasa um papel em branco sobre a qual a experiência vai gravando suas próprias características e que todo o nosso conhecimento vem da experiência ou deriva em última análise, dela”.¹²⁵

Para Locke, “a experiência sensível é fonte do conhecimento verdadeiro”.¹²⁶ Ele defende que a razão organiza e sistematiza os conhecimentos provenientes das experiências sensíveis e que “todo conhecimento vem da experiência”.¹²⁷ A partir da experiência se define com propriedade o objeto, a partir de pressupostos teóricos se acessa o saber cognitivo sobre o objeto do experimento, a partir da experiência a definição é sintomática, o acesso não é cognitivo mas, parte dos sentidos, do que foi experimentado.

Pensar não é apenas raciocinar, calcular ou argumentar, pensar é sobretudo dar sentido ao que se é e ao que nos acontece.¹²⁸ É a partir de sua experiência com o sagrado que o pentecostal consegue organizar sua vida e dar sentido ao seu mundo. A forma como ele se vê e se porta individual e socialmente é constituída, não por meio de pensamentos lógicos e sistematizados, mas pelo contato, com o que Otto conceituou como o *Mysterium Tremendum*¹²⁹, que não se constitui de aspectos apenas racionais, mas pela psique que pode conduzir a momentos de êxtase e piedade imediata.

Mesmo Baruch Espinosa, um ícone do racionalismo, fundador da história da filosofia é um dos autores da mais acabada síntese da filosofia do século XVII no que se refere ao dualismo cartesiano da contraposição razão/tradição. Em sua obra *Tratado da correção do intelecto* (1661), ele pretende trazer a cura à razão do ser humano e de seus fantasmas para a criação de um novo mundo onde a união e o amor para com todos os homens seja a razão de ser humano.

Para Espinosa sempre haverá necessidade dos sentidos e da experiência para o conhecimento das coisas particulares.¹³⁰ Ele afirma que “tudo que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido. Pondera que a verdade

¹²⁵ LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1988. p. 13.

¹²⁶ LOCKE, 1988, p. 49.

¹²⁷ LOCKE, 1988, p. 27.

¹²⁸ BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2001. p. 2.

¹²⁹ OTTO, 2007, p. 44-45.

¹³⁰ ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Seleção e tradução de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1969. p. 85.

consiste em enxergar tudo o que existe em Deus, que é a sua condição de presença no Ser".¹³¹ Para o autor, fora do Ser, nada há, tudo deve se referir a Ele. Pondera também que no espaço religioso todas as manifestações são válidas, na medida em que se espelhe uma manifestação finita da essência infinita.¹³²

Enquanto que o movimento empirista reitera que o conhecimento provém da experiência e ao que pode ser captado do mundo exterior pelos sentidos, o racionalismo atribui valor a razão e ao pensamento lógico, e devido a esta dualidade a teologia foi inevitavelmente afetada. Não havia diferença entre teoria e fé ambas caminhavam juntas até a chegada de teologias mais racionalistas. No entanto, após o iluminismo estas duas grandezas foram separadas, e desde então a teologia ainda não conseguiu desconstruir a superioridade da razão.

Pommerening reitera que:

Mesmo a teologia sendo uma ciência, ela não se enquadra em alguns aspectos da definição científica¹³³ e ao querer recuperar seu lugar junto às ciências teve que se dobrar ao cartesianismo, cientificismo e racionalismo. E, com isso, perdeu, num certo sentido, sua essência, pois se afastou do seu objeto de pesquisa, de sua humanidade e capacidade empática.¹³⁵

O conceito sobre experiência tem sido gradativamente definido por teólogos e teólogas que desde a última metade do século XX tem se empenhado nesta direção. Estes poucos teólogos espalhados pelo mundo (poucos tendo em vista a grandeza do movimento), tem consciência de que o futuro do movimento depende do conceito que sobre ele for definido hoje, pois o conceito, dentre tantas coisas, definirá a identidade do movimento.

Sobre isto Terra (teólogo pentecostal brasileiro), analisando Atos 2, apresenta um conceito de êxtase que vai de encontro com o conceito de experiência que Campos (teólogo pentecostal peruano que será analisado no capítulo três), para Terra

¹³¹ ESPINOSA, 1969, p. 91.

¹³² ESPINOSA, 1969, p. 118.

¹³³ "Suas técnicas são construídas segundo a lógica ocidental, podendo-se perguntar se esta seria realmente adequada para captar as manifestações de uma lógica diferente, cujos princípios de base são divergentes dos seus." QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. X-Y, mar. 1987, p. 82, *apud* POMMERENING, 2015, p. 108.

¹³⁵ Tendo em vista que ciência é um conjunto de conhecimentos sistemáticos adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias e fatos, se torna um tanto complexo tratar a Teologia puramente como uma ciência tendo em vista que o principal objeto de pesquisa da mesma não pode se concretamente observado e/ou pesquisado.

“êxtase e unidade, em sua cena originária, são paradigmas ecumênicos das maravilhas de Deus”¹³⁶. Ele corrobora que:

A releitura no interior do texto faz com que o êxtase deixe de ser instrumento sectário ou desistoricizante, para tornar-se motivo de anúncio, este por sua vez, estrutura sim na lógica da manifestação das Maravilhas, levando em consideração a expressão do “próprio” dos seus interlocutores. É no encontro com essas “maravilhas” são partilhados e seus resultados vivenciados. Nos desafios da pluralidade homem e mulher tornam esse encontro celebração e espanto. O êxtase, nesse sentido, é incentivo ao diálogo e construção de identidade a luz das experiências da troca no espaço dialógico dos dizeres.¹³⁷

Na Faculdade Refidim os esforços têm sido intensos para que a experiência tenha seu espaço tanto no currículo acadêmico quanto na prática diária, o currículo do curso conta com disciplinas teológicas de caráter prático (como em qualquer curso) onde 25% do conteúdo destas disciplinas são direcionados a práticas diárias, espaços de mentoria onde mentor e aluno discutem sobre os dilemas e crises vivenciais, o caráter prático dessas disciplinas possibilita a aplicação de conceitos teológicos e pastorais com ênfase no incentivo a experiência pentecostal.

Em sala de aula os conteúdos teológicos são transmitidos levando-se em conta a transversalidade dos conceitos da experiência pentecostal, os pontos de vista acadêmico e científico são devidamente expostos, contudo a posição teológico-pentecostal também, esta associação abre caminhos de sentidos para o aluno que se sente capaz de, não apenas compreender racionalmente mas, experimentar na vida diária, os conceitos racionalizados.

A racionalização do conteúdo não significa necessariamente a anulação da experiência, mas a sua tentativa de parametrização e conceituação diante das condições positivas vivenciadas por quem as experimenta. Tem ainda como proposta o redirecionamento de conceitos equivocados sobre a experiência, especialmente comportamentos fanáticos, que são desconstruídos com a finalidade de restaurar a visão pentecostal, que é redirecionada e capaz de enxergar outras possibilidades, para novamente obter o lugar positivo da experiência.

A instituição conta também com o grupo de estudos GEP (Grupo de Estudos Pentecostais), um espaço onde professores e alunos discutem mensalmente sobre temas teológicos tendo como pano de fundo a experiência pentecostal. As discussões e projetos de implementação da experiência Pentecostal abarcam de forma geral

¹³⁶ TERRA, Kenner. Êxtase, Pentecostes e Unidade: desafios à luz das origens. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 167-179, à p. 178.

¹³⁷ TERRA, 2015, p. 178.

todas as instâncias de decisões da instituição, elas estão presentes no NDE e também no colegiado de curso onde os professores recebem instruções didática de como inserir a experiência Pentecostal em sala de aula.

Contudo, a laicidade e exigências do MEC são mantidas a partir da observância dos cinco eixos reguladores de estudo que contemplam a área filosófica, histórico, histórico-cultural, sócio-política e interdisciplinar, os eixos consideram disciplinas como Direitos Humanos, História Afro entre outras e a interdisciplinariedade garante o acesso a disciplinas como Psicologia, Sociologia, Filosofia, Ciências da Religião, etc. A laicidade é conservada também através das discussões teológicas densas em diálogos com métodos teológicos, tradicionalmente conhecidos como o método histórico-gramatical e histórico-crítico, dentre outros, com suas variantes, bem como com discussões de teologias atuais como a teologia pública, as teologias latino americanas e as teologias inclusivas de negros, mulheres e marginalizados/as.

2.2 Compreensão e fundamento doutrinal da teologia do Espírito nas Assembleias de Deus

Definir o que é teologia parece algo óbvio quando se tem em foco a experiência acadêmica, visto que a teologia é constantemente o objeto de análise neste campo, no entanto, esta definição não é óbvia quando se trata de leigos e de como o estudante pentecostal entende e percebe a teologia.

A teologia tradicional tanto católica como protestante é uma teologia feita a partir de pressupostos descritivos, ou seja, estabelecem-se hipóteses, das hipóteses elaboram-se teses, e das teses formam-se princípios doutrinários a fim de se apresentar definições teológicas sobre o sagrado. Neste processo, exclui-se o procedimento de examinar o que as comunidades compreendem e percebem sobre Deus em sua vivência diária, afastando a teologia da comunidade e tornando-a estranha.

Sem este diagnóstico a teologia produzida em ambiente acadêmico encontra grandes dificuldades de se estabelecer em espaços comunitários, pois para o estudante pentecostal a vida, e não apenas sua teologia, passa pelo campo da experiência e é a partir das experiências que ele organiza a vida como um todo.¹⁴⁰

¹⁴⁰ Nestes parágrafos, valei-me de um texto previamente publicado como SANTOS, 2017.

O pentecostal trata com seriedade o mover do Espírito Santo, de acordo com Railey, o pentecostal entende que esta operação “comprova a veracidade das doutrinas da fé, e outorga poder para a proclamação das mesmas”. No entanto, esta afirmação é causa de repetidas acusações de que os pentecostais baseiam-se exclusivamente na experiência.¹⁴¹ Contudo, sobre isto Railey reitera:

O pentecostal considera que a experiência produzida pela operação do Espírito Santo acha-se abaixo da Bíblia no que tange à autoridade. A experiência corrobora, enfatiza e confirma as verdades da Bíblia, e essa função do Espírito é importante e crucial.¹⁴²

A AD inclui no arcabouço de suas doutrinas basilares a experiência com o Espírito Santo, e tal ênfase constituiu-se um diferencial, sobretudo em sua gênese. Desde seus primórdios em 1911, tanto seus fundadores quanto os novos adeptos viviam esta experiência, que se evidenciava, principalmente, através de curas e da glossolalia. A compreensão teológico-pentecostal sobre a doutrina do Espírito Santo tinha como destaque a ação do mesmo sobre o indivíduo e esta abordagem diferia da maneira como o protestantismo brasileiro a concebia. Isto foi a causa da ruptura entre ambos e foi a causa também de perseguições severas tanto destes como do catolicismo.¹⁴³

No entanto, de acordo com algumas das principais obras de teologia sistemática pentecostal, o Espírito Santo não é o fundamento supremo da doutrina pentecostal.¹⁴⁴ O pentecostalismo se propõe a apresentar uma teologia bíblica e mantém o nível da autoridade bíblica no desenvolvimento da relação experiencial do indivíduo com o Sagrado. O pentecostal não parte de uma afirmação experiencial imposta ao texto bíblico, pelo contrário, a Bíblia é seu fundamento doutrinal, e será parte integrante de si por intermédio da ação pneumatológica.

Sobre isso Higgins reitera que: “nenhum encontro autoritativo com Deus supera a autoridade de Sua Palavra escrita. Doutra forma, a ‘experiência de Deus’

¹⁴¹ RAILEY, James H.; AKER, Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 43-63.

¹⁴² HORTON, 1996. p. 55.

¹⁴³ ARAÚJO, 2007, p. 637- 654.

¹⁴⁴ A afirmação acima foi feita por um dos autores (norte-americano) de uma das Teologias sistemáticas mais conceituadas no cenário pentecostal brasileiro, contudo, nos EUA a teologia pentecostal encontra-se mais avançada e desenvolvida. Cabe lembrar que esta não é a realidade da igreja no Brasil, embora na teoria se defenda a centralidade na Palavra, na prática a centralidade se encontra na ação do Espírito Santo. HIGGINS, 1996, p. 87.

dos místicos hindus, ou de quem usa drogas psicotrópicas, poderia reivindicar igual autoridade".¹⁴⁵

Higgins afirma que sendo visto o Espírito Santo acima da autoridade bíblica, Ele pode se tornar um rival desta. Contudo, o próprio Espírito Santo foi o inspirador da Palavra e não fará nada que seja contrário àquilo que a Palavra inspirada declara.¹⁴⁶ Na teologia pentecostal, o Espírito Santo é considerado um poder sublime que estabelece os seres humanos na dimensão espiritual e os capacita à comunhão com Deus.

[...] o Espírito Santo é Deus e integrante da Santíssima Trindade, Sua obra abrange a conversão do pecador, o batismo e atuação santificadora na vida do crente. Para o crente e a igreja a doutrina do Espírito Santo é prioritária e indispensável.¹⁴⁷ [...] O Espírito Santo dirige os nossos passos, nos capacita a cumprir nossa missão.¹⁴⁸

2.3 A Assembleia de Deus e sua apologia à doutrina do Espírito Santo

Ao analisar a compreensão teológica do estudante pentecostal sobre a doutrina do Espírito, deve-se levar em conta carga histórica de legitimação e defesa que lhe foi outorgada neste aspecto, na tentativa de se resguardar dos ataques e apresentar solidez à doutrina do Espírito Santo. A AD usa, durante toda a sua história, os meios de comunicação de que dispôs para defender e perpetuar esta doutrina.

Uma destas ferramentas foi o jornal *Boa Semente* que trazia artigos, desde sua fundação em 1919 até o seu encerramento em 1930, que defendiam a doutrina do Espírito Santo. Dentre tantos podemos destacar o proeminente artigo de Paul Aenis, traduzido por J. Lima, intitulado "Cometteremos a loucura de rejeitarmos o Baptismo no Espírito Sancto, como os judeus rejeitaram a Christo?". Este artigo ocupou várias edições do *Boa Semente* em forma de estudo bíblico e defendia a ideia de que o batismo no Espírito Santo é uma promessa bíblica, e assim como os judeus rejeitaram a Cristo, rejeitar esta promessa seria como rejeitar o próprio Cristo. Aenis conclui o referido artigo ponderando:

Caros amigos, vós que ainda não tendes recebido este dom, não o rejeiteis, não commentaes a mesma loucura que commetteram os judeus apesar das provas evidentes que tinham. As Escripturas Sagradas dão provas claras do

¹⁴⁵ HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 65-123, às pp. 87s..

¹⁴⁶ HIGGINS, 1996. p. 88.

¹⁴⁷ ROBERTS, Kerry D. A Santíssima Trindade. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187, à p. 158.

¹⁴⁸ PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1999. p. 211.

batismo no Espírito Sancto e nós não temos desculpa se o rejeitarmos. Se credes nas Escripturas, crêde-a inteiramente.¹⁴⁹

Na primeira edição do jornal *Mensageiro da Paz* um artigo em comemoração aos vinte anos da igreja enfatiza a ação do Espírito Santo na mesma. Neste, Vingren menciona as curas e dons recebidos por homens e mulheres como também o batismo no Espírito Santo. O artigo comunica tanto a igualdade entre homem e mulher no que se refere a experiência com o Espírito, como também a continuidade de Sua ação no desenvolvimento da igreja.¹⁵⁰

As Assembleia de Deus no Brasil compreendem o Espírito Santo como uma das pessoas da Trindade. Para o assembleiano o Espírito Santo é Deus encarnado em Jesus.¹⁵¹ E quando se diz que o Espírito dirige a igreja se está afirmando que Deus é o que conduz a igreja.¹⁵² Crer no Espírito Santo é crer que uma das pessoas da Trindade, que neste momento da história está encarregada de dar continuidade ao plano da salvação, como reitera Pearlman: “o Espírito foi guardado nas mãos de Deus aguardando esse derramamento geral, até que Cristo vitorioso o reivindicasse a favor da humanidade”.¹⁵³

Para o pentecostal, o Espírito Santo não é fonte autônoma de conhecimento, Ele não fala de si mesmo antes, nas palavras de Pearlman, “assim como o filho não falou de si mesmo, mas falou, o que recebeu do pai, assim o Espírito declara o que ouviu da Divindade”.¹⁵⁴ No entanto, mesmo não possuindo autonomia, Ele é parte imprescindível no processo de capacitação física, espiritual e intelectual do indivíduo para sua missão, ou seja, sua relação primeira com o Sagrado se faz a partir da experiência com o mesmo.

Os periódicos, no decorrer da história, registram inúmeros depoimentos e notas sobre evidências da ação do Espírito. Um exemplo disto é a revista *A Seara*, que era o segundo mais importante periódico da Assembleia de Deus em formato de revista,¹⁵⁵ que publicou no ano de 1958 o artigo “Derrama sobre nós do teu Espírito”.¹⁵⁶

¹⁴⁹ AENIS, Paul. Cometteremos a loucura de rejeitarmos o batismo no Espirito Sancto, como os judeus rejeitaram a Christo. *Boa Semente*. Belém, ano V, n. 24 e 25, p. 3, mar/abr. 1923.

¹⁵⁰ VINGREN, Gunnar. Depois de vinte anos. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 2, 01 jan. 1931.

¹⁵¹ MORENO, José Gomes. Christo, o centro da Escriptura. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 10, p. 3, mai. 1932.

¹⁵² NYSTROM, Samuel. Resposta a perguntas de uma carta. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 10, p.04 mai. 1932.

¹⁵³ PEARLMAN, 1999, p. 187.

¹⁵⁴ PEARLMAN, 1999, p. 183.

¹⁵⁵ ARAUJO, 2007, p. 773-774.

¹⁵⁶ SANTOS, Manoel Pereira. Derrama sobre nós do teu Espírito: *A Seara*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 331, p. 45, jan/dez. 1958.

Por meio destas publicações a AD comunica que a doutrina do Espírito Santo não deve ser apenas defendida, principalmente propagada, pois em relação a outras denominações não pentecostais esta seria uma marca distinta da AD.

Outrossim, os periódicos e a história da AD mostram claramente uma grande adesão à fé pentecostal principalmente pelas classes sociais marginalizadas.¹⁵⁷ As evidências desta adesão são confirmadas pelo crescimento numérico da igreja no Brasil e os resultados são atribuídos à ação do Espírito Santo que oferece o batismo¹⁵⁸, cura, línguas estranhas, dons¹⁵⁹, etc.

O estudante pentecostal que ingressa no curso de teologia emerge desta cultura experiencial, ele não compreende o Sagrado apenas pelo viés cognitivo, a partir de teses ou teorias como o faz a teologia tradicional. Nas comunidades pentecostais não se pergunta, por exemplo, por que Deus é amor, mas se vive esta experiência a partir da conversão.¹⁶⁰ Assim, ao se inserir em ambiente acadêmico a definição cognitiva de teologia entra em conflito com a compreensão que o pentecostal tem do Deus da experiência, por não compreender Deus apenas pela via teórica, mas principalmente pela via da experiência.¹⁶¹

2.4 A Assembleia de Deus e seu inconsciente afastamento da doutrina do Espírito Santo

Uma das características da contemporaneidade é a impermanência das convenções sociais. As mudanças sociais ocorrem numa velocidade de difícil assimilação e o pentecostalismo no Brasil segue nesta mesma direção. Devido a sua herança, indígena, africana e europeia, ele se adapta sem esforços ao calor da religiosidade, ou seja, o pentecostalismo tem o que Bauman denomina como fluidez líquida, ou “aquilo que não mantém sua forma com facilidade”.¹⁶² E, em meio a este cenário encontra-se o pentecostalismo clássico, que se acha sob ameaça em meio à rapidez das mudanças externas e às resistências internas.

Mesmo que não se admita de forma clara, o movimento está vivendo o que Pommerening descreve como uma “despentecostalização”.¹⁶³ Apesar da história registrar muitos esforços para a propagação e concretização da doutrina do Espírito,

¹⁵⁷ ARAÚJO, 2007, p. 01.

¹⁵⁸ ARAÚJO, 2007, p. 118.

¹⁵⁹ ARAÚJO, 2007, p. 267.

¹⁶⁰ GILBERTO, Antônio et al. (Orgs.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 333-378.

¹⁶¹ SANTOS, 2017.

¹⁶² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 08.

¹⁶³ POMMERENING, 2015, p. 147.

nota-se que nas últimas décadas, esta que já foi considerada uma marca distintiva do movimento está se ausentando cada vez mais do cotidiano desta igreja. Devido à grande absorção da teologia reformada e problemas relacionados a excessos, quando o assunto é doutrina do Espírito, a teologia pentecostal atualmente tenta caminhos de solução para a crise do movimento que está sendo vivida no Brasil atualmente.

A AD no decorrer de sua história revelou uma aversão à teologia e por este motivo não investiu na formação de teólogos, logo não produziu teologia própria e quando necessitaram de fundamentos teológicos para direcionar a igreja, tiveram que beber de outras teologias como, por exemplo, a teologia reformada. Isto, por um lado, serviu às necessidades momentâneas da igreja, mas por outro gerou um grande prejuízo para o movimento devido à sua postura cessacionista. Outro fator de descaracterização foram “os discursos e práticas neopentecostais que foram sendo assimiladas para atender às demandas de uma classe elitizada, que tem pouca simpatia com as imprevisibilidades da experiência pentecostal.”¹⁶⁴

Atualmente se vê uma reação contrária àquilo que se via na gênese do movimento, e devido à capacidade de adaptação, a imprevisibilidade que antes era compreendida como ação inquestionável do Espírito, hoje é vista com certo receio e até como ameaça por líderes¹⁶⁵, que, numa intenção legítima de se resguardar dos excessos, estão inibindo certas práticas pentecostais, vistas como heresias. Com isto, a igreja caminha para um processo de perda identitária que pode ser irreversível. Nas palavras de Pommerening:

Esses movimentos vão dando lugar a uma igreja cuja identidade não pode mais ser explicável como única. Ela se torna nova e velha ao mesmo tempo, moderna e conservadora, volúvel e engessada; assume formas diversas de acordo com o local e as demandas populares e pastorais de onde está inserida, ou seja, racionalmente não poderia dar certo, mas misteriosamente tudo acontece.¹⁶⁶

É devido a esta situação que Pommerening propõe em sua tese a criação de um método hermenêutico pentecostal de interpretação que direcione o movimento e lhe dê, entre tantas coisas, fundamento identitário.

¹⁶⁴ POMMERENING, 2015, p. 144.

¹⁶⁵ Conforme depoimentos registrados em observação participante pela autora, tomei por base um comentário que um pastor me fez em um evento da CPAD no Rio de Janeiro em 2017. Disse que devido a excessos quanto a estas manifestações, ele (que é um líder no RS) tomou a postura de suspeitar cada vez mais das mesmas, ou seja, ele opta pelo caminho mais fácil que é reprimir ao invés de repensar de resinificar aquele que é o elemento vital para a saúde e continuidade do movimento.

¹⁶⁶ POMMERENING, 2015, p. 145.

Entretanto, em meio a essas mudanças, o tema do Espírito Santo e algumas ênfases sobre os dons sobreviveram e tornaram-se quase cristalizados, se não na prática litúrgica (com sua espontaneidade), porém no discurso, pois este último sobreviveu às mudanças que se impuseram ao pentecostalismo clássico.¹⁶⁷

Um outro fator que tem contribuído para a perda identitária do movimento é o que Pommerening denominou por “racionalidade institucional”.¹⁶⁸ Trata-se de um modelo organizacional que se legitimou pela liderança da igreja e toma gradativamente o lugar da teologia no meio pentecostal. A centralidade do poder neste regime é do pastor presidente e nada pode ocupar espaços de influência além dele. Como a teologia questiona algumas compreensões da denominação e deixa claro interesses subjetivos tais como elevação daquilo que a partir de Pommerening poder-se-ia chamar de “Teologia Institucional” em detrimento a Teologia [Acadêmica?] tal como se conhece, e que é vista como ameaça ao poder instituído e por isto sofre desvalorização por parte de muitas lideranças. Sobre isto Pommerening pondera que

No início das ADs no Brasil esta ameaça não era tão evidente. Embora estivesse presente a preocupação com a teologia devido à possibilidade de esfriamento espiritual. Preocupação esta que tem como motivação o anti-intelectualismo do pentecostalismo. Assim, aquilo que no início era um receio de perder o poder da experiência com o divino se institucionalizou. No entanto, não foi a teologia que fez isto, mas sim a racionalização burocrático-administrativa com a consequente rotinização do carisma que acabou por extinguir o Espírito.¹⁶⁹

Diante deste cenário o autor conclui que “a teologia acadêmica poderá ser um ameaça a esses líderes. Ela pode vir a subverter sua liderança e suas decisões, que algumas vezes são tomadas com bases políticas e não teológicas”.¹⁷⁰

A compreensão que o pentecostal tem, tradicionalmente, da teologia do Espírito não é mais suficiente para dar solidez aos fundamentos doutrinários pentecostais e os esforços, no sentido de produzir uma consciência crítica que se empenhe na resignificação e não afastamento desta Teologia, ainda são muito tímidos e tem provocado afastamento deste que é um pilar importante da doutrina pentecostal.

O afastamento gradativo da teologia da experiência tem provocado uma crise doutrinária no pentecostalismo brasileiro, em primeiro lugar pela falta de produção teológica própria e conseqüentemente envolvimento excessivo com a teologia

¹⁶⁷ POMMERENING, 2013, p. 7.

¹⁶⁸ POMMERENING, 2015, p. 92.

¹⁶⁹ POMMERENING, 2015, p. 93.

¹⁷⁰ POMMERENING, 2015, p. 94.

reformada. A falta de fundamentação doutrinária sobre o assunto dá lugar ao leque de opções e naturalmente abre espaço também para o aumento dos equívocos.

Dada a análise feita até o momento conclui-se que há um vasto caminho para a pesquisa analítica em relação a doutrina pneumatológica, e que é possível, a partir da teoria do conhecimento empírico encontrar uma direção sólida, no que diz respeito a comprovações científicas, a fim de embasar conceitos que auxiliem na definição e organização, na medida do possível, da teologia da experiência.

Isto posto, nota-se com clareza a importância do estudo acadêmico formal e de uma teologia pentecostal sólida que tenha como objetivo redirecionar conceitos equivocados e reunir esforços a fim de que conhecimento cognitivo e experiencial sejam organizados e transmitidos aos alunos, tendo como foco o equilíbrio entre as duas grandezas.

3 A TEOLOGIA DO ESPÍRITO E O ESPAÇO ACADÊMICO: DESAFIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM CURRÍCULO ACADÊMICO-EXPERIENCIAL E PARA A FORMAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS PENTECOSTAIS

3.1 A academia e sua (não) relação com a experiência pentecostal: desconstruções ou ressignificações?

O pentecostalismo do século XXI se aproxima cada vez mais da realidade acadêmica. Todavia as ADs ainda priorizam ensinamentos teológicos que tenham em vista experiências com o sagrado. Com isto surge também a necessidade de reflexões que se orientem no sentido de buscar caminhos que diminuam a polarização entre teologia experiencial e teologia acadêmica e uma proposta cada vez mais sólida de aproximação entre ambas.¹⁷¹

Wallon afirma que para aprender o ser humano precisa primeiramente sentir¹⁷² para que se desperte nele o mínimo de afeto possível. Ele reitera que o homem não consegue ter um aprendizado eficiente se ele não se envolve com o objeto de aprendizado. E este envolvimento decorre de um movimento emocional e sensitivo, e é a partir deste processo de sensações que sua estrutura cognitiva vai conseguir se apropriar de certos conhecimentos.¹⁷³

Todavia Weber corrobora que a religiosidade popular sacrifica o intelecto, para permanecer entregue ao conforto da fé.

Toda devoção fiel genuinamente religiosa, de natureza qualquer, inclui direta ou indiretamente, em algum ponto, o “sacrifício do intelecto”, em favor daquela qualidade espiritual específica, supra-intelectual, da entrega absoluta e da confissão, cheia de confiança: credo, non quod, sed quia absurdum est.¹⁷⁴ Aqui, com alhures, a religiosidade de salvação das religiões crentes num deus supramundano sublinha a insuficiência da força intelectual em face da sublimidade de Deus.¹⁷⁵

Assim, ao se inserir em ambiente acadêmico a definição cognitiva de teologia entra em conflito com a definição que o pentecostal tem do Deus da experiência, por

¹⁷¹ SANTOS, 2017.

¹⁷² WALLON, H. *A Evolução Psicológica da criança*. Lisboa: ed. 70, 1968. p. 69.

¹⁷³ SANTOS, 2017.

¹⁷⁴ Frase de Tertuliano: “creio não o que [seja absurdo], mas porque é absurdo” – ressaltando, se bem vejo, que a postura da fé-confiança é central, mesmo parecendo absurdo, mas que isto não torna o conteúdo da fé algo absurdo.

¹⁷⁵ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB; São Paulo: IOESP, 1999, p. 380.

não compreender Deus apenas pela via teórica, mas e principalmente pela via da experiência. Sobre isto Mo Sung pondera que:

Estudantes que procuram seminários e faculdades de teologia que oferecem uma reflexão teoricamente mais séria e crítica do que a oferecida nas suas igrejas não se contentam com a repetição e interpretação literal da Bíblia e dos dogmas. Só o fato de procurarem seminário ou faculdade revela este desejo de ir além. Entretanto, quando encontram nesses seminários professores que, consciente ou inconscientemente, não respeitam o seu modo de viver e comunicar a sua fé e assume como tarefa a desconstrução da sua cosmovisão religiosa e sua compreensão da fé, esses estudantes se veem presos em um beco sem saída.¹⁷⁶

Ao adentrar o curso superior de teologia, a proposta feita ao aluno através da exposição dos conteúdos é que uma desconstrução de seus pressupostos experienciais se suceda a partir dos novos conhecimentos, que o mesmo reconstrua através da teoria os conceitos ambíguos sobre a teologia da experiência. Contudo, Croatto afirma que buscar explicação racional para o mito é o mesmo que esvaziar sua intenção.

O saber mítico não tem relação com o saber da ciência; o primeiro não se mistura com o segundo, pois são de ordens distintas. [...] O *logo* compreende um discurso da razão que recorta a realidade, define-a, determina suas características, mas perde, ao mesmo tempo, a orientação simbólica ao transcendente e mítica ao originário, como 'sentido' da realidade.¹⁷⁷

A desconstrução acadêmica da compreensão pneumatológica não desfaz apenas as ambiguidades, ela rompe tanto com os equívocos quanto com o que se evidencia como confiável. Por isso, a proposta de desconstrução daquilo que o estudante pentecostal conhece e já viveu como experiência com o Espírito se torna ameaçadora e perigosa para a saúde de sua fé, visto não ser possível reconstruir conceitos experienciais meramente a partir de pressupostos teóricos, que questionam o que até então foi crido como sendo inquestionavelmente estabelecido.

Não que o processo de desconstrução não seja necessário, ele é positivo no sentido de gerar novos conhecimentos, visão ampliada e conseqüentemente uma fé mais sólida para o aluno de teologia, no entanto, o problema consiste na supressão de elementos que poderiam ser usados como ponto de contato entre a vivência

¹⁷⁶ SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, Nestor; WIRTH, Lauri. *Missão e educação teológica*. São Paulo: ASTE, 2011. p. 171.

¹⁷⁷ CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 309.

experiential e a nova realidade acadêmica do aluno, e que são eliminados com a proposta de desconstrução.

Neste sentido, o estudante inicia o curso de teologia em déficit quanto ao que necessita como base para uma construção de conhecimento acadêmico saudável e relevante tanto para ele como para a comunidade na qual ele está inserido, pois esta comunidade não vive a partir de pressupostos teóricos concebidos em ambiente acadêmico, mas a partir da experiência cotidiana e litúrgica que tem com Deus.

Sendo assim, se o estudante pentecostal aborta na academia o elemento experiência logo ele perde o ponto de contato, nas palavras de Croatto ele perde o símbolo que o conecta a vida que até então ele construiu junto da comunidade pentecostal. Sobre esta função social do símbolo Croatto pondera que

O objeto simbólico não é somente o receptor de uma hierofania. A vivência da hierofania verbaliza-se, faz-se palavra que a “comunica” a outros, os quais, por sua vez, podem entrar na mesma esfera numinosa. O símbolo, portanto, é gerador de vínculo entre os seres humanos. Por esta função sua própria existência representa um ato social.¹⁷⁸

Para manter uma comunicação eficaz neste meio, ou seja, igreja, família, amigos, etc., o estudante de teologia precisa “falar a partir de símbolos que expressem sua vivência”.¹⁷⁹ Preserva, assim, estes pontos de contato existentes entre ele e a comunidade, visto que a compreensão teológica destes é por meio da experiência. Esta será a linguagem pela qual o entendimento entre ambos acontecerá, e o contrário também é verdadeiro.

Sendo a desconstrução um prejuízo ao estudante de teologia, propõe-se que, ao invés de uma desconstrução puramente acadêmica, se trabalhe em parceria com o aluno a ideia de ressignificação (e não mera desconstrução) dos valores que o mesmo traz da cultura experiencial à qual ele pertence. Esta experiência pessoal que o aluno traz para a academia pode ser usada como um ponto de partida para a construção de uma relação saudável entre vida acadêmica e experiência religiosa.

Quando a experiência do aluno é considerada dentro do processo de ensino aprendizagem, o mesmo passa de mero ouvinte a participante ativo da construção de conhecimento. Isto lhe dá motivação, ao invés de um sentimento de ameaça, pois se o aluno se sente ameaçado em relação a sua fé a reação pode ser a negação à

¹⁷⁸ CROATTO, 2001, p. 113.

¹⁷⁹ CROATTO, 2001, p. 114.

teologia apresentada em ambiente acadêmico, e aqui se encontra a causa de um número considerável de evasão no curso.

A decepção mais frequentemente expressa pelos homens e mulheres que ingressam no seminário está relacionada com a espiritualidade. Não raro, chegam ao seminário motivados por um compromisso com Deus e um desejo de servir a seu Senhor em alguma forma de ministério, e então descobrem que, em cada ocasião, estão sendo confundidos ou desviados em relação a essa intenção.¹⁸⁰

Ele pode também fazer o caminho inverso, reagir de forma indiferente quanto à experiência definindo-a como concepção ingênua de fé e que não faz mais sentido, tendo em vista o aprendizado e a nova vida acadêmica. Ao reagir com indiferença ele corre o risco de extinguir tanto aquilo que lhe proporciona o equilíbrio necessário para que o conhecimento teórico não se torne teologia puramente racional, como também perde o ponto de contato que o conecta à comunidade, pois como reitera Croatto, “pelo símbolo são reconhecidas as pessoas iniciadas de uma comunidade”.¹⁸¹

3.2 O docente como agente motivador da relação acadêmico-experiencial

O trabalho que o professor e a professora desempenham no curso de teologia pentecostal é de suma importância no processo de equilíbrio entre razão e experiência. O professor não é um agente neutro neste processo, ele trabalha com determinados valores que são por ele selecionados consciente ou inconscientemente, e o aluno será naturalmente influenciado por estas visões e valores. O professor trabalha com o saber sistematizado e introduz o aluno à cultura erudita.¹⁸² Contudo, Saviani afirma que a tradução destes novos saberes precisa ser permeada pelo sentido de vida do aluno, devem interagir com o seu sentido de vida.¹⁸³ No caso do estudante pentecostal este novo saber precisa interagir com sua vivência e sua concepção experiencial sobre Deus.

A tradição kantiana afirma que o conhecimento não só começa, mas também deriva da experiência sensual. Bondia, por exemplo, reitera a importância da experiência no processo de aprendizagem. De acordo com o autor,

¹⁸⁰ PETERSON, 2009. p. 75. [já citado]

¹⁸¹ CROATTO, 2001, p. 107.

¹⁸² SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 2000. p. 24.

¹⁸³ SAVIANI, 2000, p. 26.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação.¹⁸⁴

Larrosa diz ser necessário tratar de forma distinta experiência e conhecimento, pois “a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”.¹⁸⁵ E ele conclui afirmando que a experiência está deixando de ser vivida por causa do excesso de informações e opiniões.¹⁸⁶

Esta realidade permeia também os cursos de teologia, o excesso de informações sobre o sagrado ocupa um espaço consideravelmente maior dentro do curso e assim a experiência com aquele que é o objeto da análise acadêmica, se torna cada vez menor. Contudo, faz-se necessário a cautela para que um antiintelectualismo não se instaure, neste sentido, como adverte Nañez, a abstinência de pensamento não seja equiparada a profundidade espiritual.¹⁸⁷

De certa forma, o professor precisa possuir uma aguçada sensibilidade para auxiliar o estudante pentecostal a estabelecer significados para as experiências que o mesmo vive na sociedade e em seu meio social, pois a informação e a opinião que o aluno tem sobre o sagrado. Em certo ponto, difere da do professor, enquanto que a visão do professor pentecostal sobre Deus já se conectou a vários outros conhecimentos teóricos, a visão do aluno é limitada ao conhecimento, na maioria das vezes leigo, que ele absorve na comunidade, sua percepção do sagrado pode ser definida como unilateral.

É preciso levar sempre em conta que este estudante emerge de uma cultura onde os valores religiosos conhecidos foram transmitidos, geralmente, por um líder leigo. No entanto, este saber é o que o estudante porta até o momento e é a partir dele que sua vida é organizada. Por isto, faz-se necessário considerar a experiência que o aluno traz para o curso de teologia. Com isso, em boa parte, apenas resignificar

¹⁸⁴ BONDIA, Jorge Larrosa. *Tremores: Escritos sobre experiência*; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016. p. 16.

¹⁸⁵ BONDIA, 2001, p. 2.

¹⁸⁶ BONDIA, 2001, p. 4.

¹⁸⁷ NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007. p. 127.

ou redirecionar seus conhecimentos experienciais. Assim, aquilo que precisa ser realmente desconstruído, será visto pelo mesmo de uma forma menos traumática. Sobre isto Mo Sung propõe um caminho mais ameno para o problema:

Muitas vezes essa situação acontece porque os professores desconstruem a compreensão pré-moderna e pré-reflexiva da fé dos estudantes sem tomar o cuidado de diferenciar ou distinguir a experiência da fé da linguagem e cosmovisão que se utilizam para compreender e expressar essa experiência. Não estou querendo dizer com isso que é possível ter experiência sem a mediação da linguagem que permite compreender a experiência; mas é possível distinguirmos esses dois aspectos de um único fenômeno. Em outras palavras, eu posso compreender e expressar de modo diferente a mesma experiência na medida em que percebo que a linguagem/cultura que utilizei não é adequada para dar conta da experiência.¹⁸⁸

A responsabilidade do docente não está relacionada com o fato de precisar desempenhar o papel da igreja. Não fazer o papel da igreja não significa não fazer nada, antes denota para os discentes uma representatividade de algo ainda mais significativo e que impõe uma carga maior de responsabilidade, que não se limita a uma estrutura organizacional, mas ao humano diante do divino, e o que o aluno espera de seus professores de teologia.

O bom andamento do curso de teologia pentecostal está intimamente relacionado a um bom equilíbrio entre razão e experiência. E se este equilíbrio não é encontrado, o curso entra em defasagem e se distancia de seu objetivo. A experiência não pode ser substituída por propostas assistencialistas, não que estas não sejam importantes, mas o aluno precisa desenvolver esta experiência individual com o sagrado, pois ela lhe servirá como suporte para a nova e ampliada visão de espiritualidade que lhe apresentará centenas de formas de se experimentar Deus.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.¹⁸⁹

Os alunos dos seminários pentecostais são oriundos de comunidades que valorizam a experiência com o divino, fazendo dela a legitimação da fé professada, e esta “proíbe que a sua paixão infinita seja cristalizada verbalmente, como um objeto

¹⁸⁸ SUNG, 2011, p. 172-173.

¹⁸⁹ BONDIA, 2001, p. 7.

de conhecimento”.¹⁹⁰ O equilíbrio entre estas duas grandezas, em ambiente acadêmico pentecostal é de suma importância para o desenvolvimento de um aprendizado saudável, visto que a experiência é o fundamento principal da religiosidade pentecostal. Sobre isto Pommerening pondera que,

A experiência é o fundamento principal porque a maioria dos seus adeptos o faz a partir de suas necessidades físicas, materiais, emocionais, sentimentais e familiares, sendo elas a fonte motivadora de encontro com o sagrado, pois este seria o poder irracional, o sobrenatural, o solucionador e provedor destas necessidades.¹⁹¹

Se a organização de vida do pentecostal parte desta sua experiência, se torna lógico ter na mesma um dos pontos de contato iniciais para que o conteúdo acadêmico seja assimilado sem tantos percalços.

3.3 O currículo acadêmico e os desafios para a formação teológico-pentecostal do aluno do curso de teologia

A formação teológica no meio pentecostal é algo desafiador, principalmente quando se leva em conta alguns aspectos que estão intrinsicamente ligados a ela como, por exemplo, as mudanças sociais e culturais que acontecem numa velocidade incalculável e que geram alterações profundas nos paradigmas que norteiam os comportamentos humanos. Outro fator é a delicada situação financeira que as faculdades de teologia passam atualmente.¹⁹² Devido a este agravante o foco que teria que estar na construção de uma teologia saudável e equilibrada, está também e inevitavelmente dirigido para a sobrevivência institucional.

Levando-se em conta estes e outros motivos a questão central se torna qual caminho tomar, no que se refere ao treinamento e capacitação de pessoas que venham a estar preparadas para lidar com as alterações culturais, comportamentais e ideológicas hodiernas. A preocupação é se as pessoas que estão sendo preparadas estão realmente prontas para atuar como agentes transformadores neste contexto pentecostal. Sobre isto Kohl assevera que

¹⁹⁰ POMMERENING, 2015, p. 115.

¹⁹¹ POMMERENING, 2015, p. 77.

¹⁹² Devido à falta de apoio das igrejas em enviar alunos, faculdades teológicas tradicionais estão fechando suas portas pois não conseguem mais se sustentar financeiramente. Referência? (Estas foram informações que chegaram até nós de faculdades como a FAECAD no RJ e a faculdade da AD de Curitiba, mas não são informações oficiais).

A antiga pergunta formulada por Tertuliano, pai da igreja norte-africana, “O que Atenas tem a ver com Jerusalém?”, hoje seria parafraseada da seguinte maneira “O que o programa acadêmico/centro de treinamento tem a ver com a igreja?” Esta pergunta precisa ser respondida. A teologia precisa ser vista como um verbo e não como um substantivo, para que os homens e mulheres sejam treinados adequadamente a fim de exercer uma liderança servil na igreja.¹⁹³

Dois elementos estão em foco quando o assunto é formação teológica pentecostal, a capacitação teórica e a formação prática. Todavia, as prioridades no desenvolvimento desta formação não seguem esta ordem em ambiente pentecostal, os leigos e os pastores locais colocam o conhecimento teológico no final da lista, aspectos como espiritualidade, habilidade, relacionais e caráter vêm primeiro, enquanto que para os professores o caminho é inverso e o conhecimento teológico deveria estar em primeiro lugar.

Diante da dualidade existente entre razão e experiência, o desafio para a academia é encontrar o que Rega definiu como “o lugar no círculo onde os extremos se tocam”.¹⁹⁴ Encontrar o ponto de reconciliação entre fé e razão, e a matriz curricular pode ser um destes pontos.

A matriz curricular não é apenas uma lista de matérias distribuídas por um período cronológico e que será oferecida aos alunos, existem inúmeras forças impulsoras que orientam a mesma e sua elaboração. Dentre tantos elementos, ela precisa contemplar dados que se relacionem com a finalidade da educação cristã, tais como a compreensão doutrinal e literário das escrituras, compreensão, vivência e ética das escrituras, compreensão e vivência experiencial cristã à luz das escrituras e também treinamento operacional do cristão no desenvolvimento do seu ministério.¹⁹⁵

Reconhecendo a separação entre Igreja e Estado no país e a pluralidade de confissões e práticas religiosas, o MEC decidira em 1999 que os currículos dos cursos de bacharelado em Teologia deveriam ser livres, ou seja, não teriam definições por parte do ministério como é o caso dos demais cursos de nível superior. Entretanto, porém, o MEC regulamentou os processos de avaliação das instituições que solicitam

¹⁹³ KOHL, Manfred Waldemar. Educação teológica: o que precisa ser mudado. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006. p. 87-108, à p. 89.

¹⁹⁴ REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Trad. ... 2006. p. 109-146, à p. 114.

¹⁹⁵ ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Em busca de um projeto teológico pedagógico para a educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006. p. 151.

o reconhecimento de seus cursos, pelo parecer CNE/CES nº 60/2014, homologado pelo Ministro de Estado da Educação em setembro de 2016. No parecer ele organiza os conteúdos curriculares do curso de graduação em Teologia em quatro grandes eixos temáticos que se complementam entre si, são eles: eixo de formação fundamental, eixo de formação interdisciplinar, eixo de formação teórico-prática e eixo de formação complementar.¹⁹⁶

Dentre vários elementos o MEC determinou que a matriz curricular precisa estar de acordo com as finalidades e objetivos da proposta do curso, que as disciplinas, carga horária e planos de curso satisfaçam as boas tradições e as exigências de associações teológicas estabelecidas no mundo acadêmico no Brasil e exterior. E ainda, que o curso tenha uma carga curricular que contemple disciplinas teológicas obrigatórias e opcionais, disciplinas auxiliares tais como línguas antigas e modernas, filosofia e ciências humanas e sociais e pedagogia, que as ementas e bibliografias disponibilizadas correspondam aos objetivos curriculares.¹⁹⁷ A sequência na estrutura curricular deve atender a demanda proposta, de transmissão de conhecimento relevante para a formação de teólogos e teólogas, que sejam capazes de fazer uma leitura de fé e de mundo que coadune com a realidade contemporânea.

Os componentes curriculares do curso de Teologia da Faculdade Refidim sofreram algumas alterações desde o seu primeiro currículo em 2012, quando o curso foi autorizado. A proposta do atual currículo vai na direção da teologia prática como eixo paradigmático da educação teológica. A partir do projeto pedagógico do curso a instituição estabeleceu valores e objetivos educacionais que orientaram o sistema educacional, e que nortearam o encontro entre teoria e prática.

Com isso, ela definiu o tipo de formação que quer dar aos alunos, uma formação que ofereça orientação e base teórica, mas que também se adeque a realidade pentecostal. Esta é uma tentativa de criar uma identidade coletiva¹⁹⁸, pois o currículo

é o instrumento adequado de regulação não só para a formulação dos objetivos de aprendizagem, que se encontram nas diversas formas de

¹⁹⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução n. 4, de 16 de setembro de 2016*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Teologia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 mai. 2017.

¹⁹⁷ ZABATIERO, 2006, p. 152.

¹⁹⁸ POMMERENING, 2015, p. 63.

seleção e organização do conhecimento oficial, bem como para estabelecimento de critérios de controle.¹⁹⁹

Um currículo não se estrutura de forma neutra; ele é estruturado a partir de interesses dominantes daquele que tem o poder.

As políticas curriculares resultam de complexas decisões que derivam tanto do poder político oficialmente instituído quanto dos atores com capacidade para intervir direta ou indiretamente nos campos de poder em que estão inseridos.²⁰⁰

Rega afirma que, conscientemente ou não, o sistema educacional de cada seminário é produto de um conjunto de forças.²⁰¹ O currículo no caso da Faculdade Refidim reflete o sistema de educação teológica pentecostal e busca paradigmas que estejam tanto em sintonia com o contexto teológico contemporâneo, como também em sintonia com as reais necessidades da comunidade. O currículo prima pelo eixo prático da teologia, ou seja, pelo discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo presente, e pela ação de Deus no mundo a partir do mover do Espírito Santo²⁰².

Rega, na tentativa de propor um modelo educacional que ele denomina de “modelo integral de educação teológica”, identifica sete paradigmas da educação teológica que valorizam vários aspectos do indivíduo em sua formação.²⁰³ A partir do mesmo busca a formação integral do aluno considerando os seguintes verbos de ação pedagógica: *saber/refletir, conviver, fazer, ser e sentir*.

O modelo integral de educação é fundamentado numa visão cristã de educação e considera o aluno como um todo evitando a sua fragmentação. É um modelo que parte da visão integral do indivíduo e da missão da igreja como o visto é ensinada em Lausanne (1974). Em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo este modelo enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo.²⁰⁴

¹⁹⁹ PACHECO, José Augusto. *Políticas curriculares: referenciais para análise*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 73.

²⁰⁰ PACHECO, 2003, p. 27.

²⁰¹ REGA, 2006, p. 115.

²⁰² Tomei por base esta síntese a partir do projeto pedagógico do curso e das pautas de reuniões tais como colegiado acadêmico e grupos de estudo.

²⁰³ São eles: Modelo humanista, situacionista, pragmático, academicista, especialista, social-comunitário e afetivo. REGA, 2006. p. 116-117. [já citado]

²⁰⁴ REGA, 2006, p. 117.

Observa-se na reflexão do autor que, para atingir profundos e permanentes objetivos com a educação teológica e ministerial, faz-se necessário rever todo o processo educacional desenvolvido e assumir os custos, sejam estes de ordem financeira, operacional ou material, pois na escolha do modelo educacional a instituição pode tanto sistematizar e ordenar o processo positivo de transmissão de conhecimento, como também pode desordenar o processo do trabalho acadêmico.

O modelo integral de educação teológica que ele propõe abrange quatro pilares sobre os quais se desenvolve seu método, são eles: a vontade de Deus, a missão da igreja, a missão da pessoa e o desenvolvimento da pessoa. Para cada um deles o verbo de ação pedagógica *saber/refletir, conviver, fazer, ser e sentir*, estão relacionados com as práticas escolares em um sentido transversal, ou seja, estão presentes em toda prática contida no sistema educacional.

O método atribui elementos próprios a cada um destes pilares e com isto exige do professor criatividade e percepção dos profundos significados da educação teológica integral, isto é, leva em consideração o aluno como um todo.²⁰⁵ Em suma, a proposta de cada pilar tem como objetivo auxiliar no aprendizado e desenvolvimento de cada aluno. *A vontade de Deus* é o ponto de partida deste modelo de educação teológica, levando-se em conta a autoridade que a Palavra de Deus exerce sobre a compreensão de nossa realidade, propõe-se um treinamento quanto a esta compreensão, a partir de uma compreensão teológico exegética que habilite o aluno para toda boa obra.²⁰⁶

A missão da igreja tem, entre outros, o objetivo da formação do obreiro para o desempenho de seu ministério na igreja. Para isso, o método recomenda um treinamento para a vida comunitária que parta de uma compreensão social, que o qualifique a testemunhar e pregar o evangelho e prestar socorro e assistência aos necessitados.²⁰⁷ *A missão da pessoa* visa uma compreensão da vocação outorgada por Deus para que a mesma seja lealmente desempenhada em favor da igreja através de elementos tais como, ensino, comunhão e serviço. No entanto, esta missão não se resume à vida comunitária, mas torna-se uma missão para o mundo.²⁰⁸

²⁰⁵ REGA, 2006, p. 118.

²⁰⁶ REGA, 2006, p. 119.

²⁰⁷ REGA, 2006, p. 122.

²⁰⁸ REGA, 2006, p. 127.

E, por fim, o *desenvolvimento da pessoa*, ou seja, pensar o aluno como pessoa e não como mão de obra útil ao ministério, alguém que seja instrumentalizado para o trabalho e também que conheça o conteúdo básico da fé, a preocupação aqui é com o aluno quanto a tornar-se pessoa, o foco do treinamento é na vida pessoal a partir de uma compreensão ontológica e existencial.²⁰⁹

3.4 A pneumatologia como uma das bases para a construção de um currículo acadêmico-experiencial

Esta pesquisa se atem ao modelo educacional proposto por Rega²¹⁰, a fim de refletir sobre a construção de um currículo que norteie o aluno pentecostal em sua caminhada acadêmico-experiencial. Tem-se também a intenção de relacionar este modelo curricular aos conceitos de teologia do Espírito propostos por dois renomados teólogos pentecostais, são eles: Kenneth J. Archer e Bernardo Campos.

Em seu livro *The Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community* [A hermenêutica Pentecostal: Espírito, Escritura e Comunidade], Archer assevera que as interpretações podem assumir várias ênfases e podem se dar com base no autor bíblico, no texto bíblico ou no leitor.²¹¹ Os seminários teológicos nos EUA estão adotando hermenêuticas modernistas, baseadas em livros e seminários pentecostais. E, a partir disto, estão acontecendo tentativas de se praticar uma hermenêutica própria e contextualizada com a academia.

Seu livro apresenta vários métodos de interpretações, dentre eles o método experiencial que Archer denomina como *tridático*²¹², pois se baseia em três pilares: o Espírito, a Escritura e a Comunidade.²¹³ Com base neste tripé, Archer propõe que se deve fazer o exercício dialético entre o texto bíblico e a comunidade, com suas necessidades e experiências, tendo a direção e inspiração do Espírito Santo como horizonte de sentido, pois, de acordo com Archer, é o Espírito Santo quem deve dominar sobre a interpretação.

Este método tem como premissa básica a experiência do sujeito com o Espírito Santo. Esta experiência pode se dar desde momentos de êxtase e presença

²⁰⁹ REGA, 2006, p. 130.

²¹⁰ REGA, 2006, p. 117.

²¹¹ ARCHER, Kenneth J. *A Pentecostal hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland (USA): CPT Press, 2005.

²¹² ARCHER, 2005, p. 197.

²¹³ Método de leitura bíblica, dispensacionista, histórico gramatical, mercadológico-administrativo e pragmática ou indivíduo contextual. ARCHER, 2005.

arrebatadora (conversão e batismo no Espírito Santo) do divino, até pequenas questões do dia a dia, questões estas perpassadas no entendimento do sujeito, envolvidas pela presença do Espírito, ou seja, podem ser até pequenas direções que o Espírito dá para decisões da vida. Esta interpretação é mais atenta a uma hermenêutica contextual.

A racionalização teológica neste método é sujeita ao que é ditado pela experiência. O que valida o texto bíblico é se este pode ser encaixado dentro da experiência, se este não puder ser encaixado a um segundo plano. No entanto, na resposta que o leitor dá à interpretação, é o texto que deve dominar o processo e não o leitor.²¹⁴ Percebe-se assim que quando a racionalidade acadêmica toma a postura de alienadora do sagrado ela perde seu lugar neste método.

Ainda sobre o posicionamento do teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, Pommerening pondera que o ponto de partida metodológico da teologia é a experiência religiosa ou a vida piedosa.²¹⁵ Sendo este o método mais adequado para se compreender o objeto da teologia, se tornando até mesmo superior em importância do que a ética e a metafísica no discurso teológico. Neste sentido, segue-se o que Schleiermacher afirmou: a “letra” (racionalidade) é subordinada ao “espírito”, e a matriz fundamental da vida espiritual é o “coração” (espírito).²¹⁶

O método experiencial do Dr. Archer vê a racionalidade como sendo alienadora do sagrado. Assim, quando o currículo acadêmico sobrepõe a racionalidade ao sagrado, e o reduz apenas a um objeto de estudo, ele entra por um caminho onde o fator cientificidade é enaltecido e o fator experiência se anula. E isto certamente torna a racionalidade um instrumento alienador tanto quanto o é a experiência por si só. Archer assevera que o Espírito reina sobre a interpretação e que a experiência do sujeito com o Espírito Santo é premissa, experiência esta que é vivenciada a partir de momentos de êxtase e das questões cotidianas que dão direção a vida individual e relacional, uma interpretação que faz parte de uma hermenêutica contextualizada.

²¹⁴ ARCHER, 2005, p. 217, 244.

²¹⁵ Schleiermacher em sua hermenêutica destaca o método divinatório que consiste em conectar gramaticalmente e psicologicamente ou sensitivamente o autor e o leitor. SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária, 2012. p. 41, apud POMMERENING, 2016, p. 171

²¹⁶ POMMERENING, 2016, p. 171

Este fato conclama o racionalismo existente na acadêmica a uma revisão para uma abertura de espaço também à experiência, encontrando assim um ponto de equilíbrio, bem como construção de um currículo acadêmico, onde a teologia seja mais experiencial e a experiência seja mais teológica. Ou seja, uma proposta curricular em que as dimensões humanas sejam tocadas no horizonte hermenêutico dialógico do Espírito Santo, que tem possibilidades ilimitadas nesta fusão de horizontes.

O pastor e teólogo peruano Bernardo Campos vem há anos empenhando esforços no sentido de encontrar elementos comuns à fé protestante e pentecostal, visto que no último século os pentecostais se tornaram um fenômeno presente nas esferas sociais e religiosas em vários países. A intenção de Campos é que estes aspectos comuns entre os dois movimentos fortaleça a unidade da igreja.

Suas obras enfatizam um pentecostalismo que se relacione com a teologia e a hermenêutica do Espírito e também com a ética social. Em seu livro *El Principio Pentecostalidad: La unidad en el Espiritu, fundamento de la paz*²¹⁷, Campos se conecta ao pensamento do teólogo alemão Paul Tillich, que foi quem falou sobre o princípio protestante em sua obra “La era Protestante”.²¹⁸ Esta obra tem como primazia o protesto principalmente nos espaços onde os menos favorecidos se encontram.

Campos também relaciona o pensamento de Ernst Bloch (1949), o filósofo da utopia,²¹⁹ aos conceitos de sua obra. Bloch afirmou que a humanidade deveria se mover pelo que ele chamou de “*principio esperança*”. Ele dizia que a esperança humana é o motor da existência, que a esperança ilumina o caminho e como utopia, orienta a realização dos projetos do homem.²²⁰

Em Tillich, o princípio protestante é a capacidade criadora de estar sempre reformando (igreja reformada, sempre reformando)²²¹, e em Bloch o princípio da esperança é o motor da existência que esquadrinha a realidade e o seu objetivo

²¹⁷ CAMPOS, Bernardo. *El Principio Pentecostalidad: La unidad en el Espiritu, fundamento de la paz*. Lima: Kerigma, 2016.

²¹⁸ TILLICH, Paul. *The Protestant Era*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965. p. 243-268, *apud* CAMPOS, 2016, p. 17.

²¹⁹ Em sua obra *O Principio Esperança*, obra escrita entre 1937 e 1948 e dividida em três volumes, Bloch analisa a dimensão utópica do ser humano, no entanto o alcance de seus questionamentos vai além de qualquer ortodoxia ideológica e se converte em uma investigação sobre os aspectos essenciais da frágil existência humana. BLOCH, Ernst. *O principio esperança*. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

²²⁰ CAMPOS, 2016, p. 17.

²²¹ CAMPOS, 2016, p. 17.

final. O princípio pentecostal seria, nas palavras de Campos, a capacidade de começar²²², assim como o espírito protestante deve estar sempre se reformando o espírito pentecostal deve estar sempre se renovando na liberdade e imprevisibilidade do Espírito que aponta, tanto no seu início como no fim de todas as coisas, sempre um novo começo.²²³

Assim como o princípio protestante, para Tillich, representa o protesto a qualquer absolutização institucional e política da fé cristã e rechaça qualquer sistema político mediante sua legitimação teológica Cristã, o princípio pentecostal representa, para Campos, o protesto a qualquer mediação cultural do Evangelho de Jesus Cristo. O princípio pentecostal se desenvolveu historicamente a partir de protestos, geralmente inconscientes, contra o cativo ocidental do Evangelho tanto protestante como católico, caracterizado por uma concepção que Campos denomina “logocêntrica” e racionalista da fé cristã, mas o princípio pentecostal também se opõe à eventual absolutização de mediações culturais do próprio pentecostalismo.²²⁴

Sobre isto Albano reitera que

O ponto de contato e/ou aproximação entre o pentecostalismo e Tillich encontra-se na crença da dinâmica da vida divina, sobretudo em sua ação de transcender as formas culturais, políticas e religiosas pela força do Espírito. Este agir implica na criação que traz o novo para dentro da história. No caso pentecostal, a novidade consiste no protagonismo religioso e social de pessoas marginalizadas, gerando novas formas de inserção no mundo e de vivência comunitária cristã a partir da experiência religiosa, compreendida em sua vinculação com o Espírito Santo e apoiada na fé em Jesus Cristo como o salvador, curador, santificador e aquele que vem em glória.²²⁵

A intenção de Bernardo Campos não é converter o princípio Pentecostal em um absolutismo onde o mundo se interpreta como Pentecostal, pois isto seria em suas palavras, um “reducionismo pentecostal”.²²⁶ O princípio Pentecostal é movido pelo Espírito, e onde está o Espírito há liberdade, este é seu caráter universal. Ele é contrário a toda absolutização particularista.

Campos, citando Wariboko, define com precisão seu pensamento sobre o princípio pentecostal:

²²² CAMPOS, 2016, p. 18.

²²³ CAMPOS, 2016, p. 19.

²²⁴ CAMPOS, 2016, p. 20.

²²⁵ ALBANO, 2017, p. 16.

²²⁶ CAMPOS, 2016, p. 21.

Wariboko argumenta que a metodologia ética (compromisso) deve assumir o modo de uma crítica cultural, criatividade social e compromisso político. Não devemos permitir que este compromisso se reduza em conhecimento ex máquina que só funciona para entender o mundo, que só trabalha para compreender o mundo, mas não para mudá-lo. Em vez disso deve-se provocar o desenvolvimento moral, e promover práticas sociais de aperfeiçoamento humano. Uma ética fiel ao "princípio pentecostal" não permite o luxo de banhar-se em ares despreocupados da problemática, ancorado em vocabulário de épocas passadas e seus espíritos, não são permitidos, mas devem trabalhar constabtemente para criar suas próprias análises e línguas, ou seja, falarão novas línguas. A partir desta perspectiva, o pentecostalismo, graças ao princípio pentecostal, sempre aparece como novo e cheio de surpresas. Ele vai começar novamente quantas vezes for necessário e, embora sempre volte às fontes, não vai se agarrar à tradição. Ele será capaz de renovar-se constantemente. Mais do que um conceito, é uma metodologia para reforçar uma ética que resista ao absolutismo, provoque possibilidades criativas e alternativas para forjar qualquer mundo dado. O projeto não está terminado, começa agora.²²⁷

Visto a partir do princípio pentecostal, o Espírito sempre se apresentará em novidade, cheio de surpresas e fará isto quantas vezes for necessário voltando sempre à essência e capaz de renovar-se permanentemente sem se limitar a tradição ou cultura. E cabe também ao princípio pentecostal promover práticas sociais centralizadas no ser humano. Uma ética fiel ao princípio pentecostal não permite indiferenças a estas problemáticas, nem comunicação obsoleta com vocabulários antiquados, mas se deve trabalhar continuamente para criar, forjar e produzir suas próprias análises e linguagens, ou seja, literalmente falar em novas línguas.²²⁸

Para Campos, o princípio pentecostal também é a razão pela qual as coisas são o que são e este sentido é materialmente o Espírito de Cristo que é a razão e fundamento de todas as coisas, o autor reitera que no princípio pentecostal se relacionam tanto a razão como a realidade que fundamenta formal e materialmente a pentecostalidade.²²⁹

Em Babel o ser humano experimentou mais um elemento relacionado à queda, seu distanciamento de Deus e de seu semelhante é patente, e em Babel ele se intensifica, quando as línguas são confundidas o homem perde a habilidade de compreender o outro, não falar a mesma língua significa incapacidade de assimilação quanto ao que se pretende comunicar, denota inaptidão para entender e alcançar o diferente.

²²⁷ CAMPOS, 2016, p. 19.

²²⁸ CAMPOS, 2016, p. 50.

²²⁹ CAMPOS, 2016, p. 129.

Em Atos 2 a glossolalia, nas palavras de Campos, apresenta o milagre da comunicação e pelo poder do Espírito Santo cada um fala a língua do outro, este milagre refaz o que antes fora quebrado, assim como fenomenologicamente o idioma foi confundido em Babel, agora em Atos um fala e compreende milagrosamente o idioma do outro e com isto todas as resistências geradas pelo desconhecido são superadas, pois a compreensão quanto ao que o outro fala produz respeito a diversidade e as diferenças culturais e sociais de todos e de cada uma das nações debaixo do céu.²³⁰

Assim como a cruz faz separação entre o homem caído e o redimido, o princípio pentecostal outorga poder libertador ao homem e restaura a comunicação humana que foi adulterada pela queda, fazendo-o superar todos os condicionamentos impostos pela queda e que o reduzem a uma condição não humana. Viver o princípio pentecostal é reconhecer um novo tempo onde as diferenças, sejam elas sociais (ricos e pobres), de gênero (homem e mulher), raciais (brancos e negros) ou religiosas sejam superadas. Viver o princípio pentecostal é adotar uma postura onde a experiência com o Ressuscitado transcenda incompreensões, sectarismos, partidarismos e intolerâncias.

Campos também fala sobre a pentecostalidade como uma categoria de conhecimento teológico, pois ela supõe uma diversidade de elementos que se deve ter no momento de teorizar, e estes são, para Campos, o *Kairós pentecostal*, que é o tempo da manifestação experimentado como realidade pelos que dele participam,²³¹ e a *práxis pentecostal*, que são “as ações humanas eficazes em sua relação ético-política e sua relação dialética com uma teoria que tenha correspondência bíblica com a teoria joanina de verdade”.²³² Sobre isto Campos pondera que

A praxis Pentecostal é portanto, uma atividade social e religiosa ativa e lógica que tem uma identidade e um perfil complexo e diverso em razão de estar contextualizada em diferentes culturas. Sendo assim supõe-se um Pathos um Ethos (de onde uma ética) pentecostal.²³³

A relação dos elementos “Kairós pentecostal” (avivamento espiritual) e “práxis pentecostal” (ações humanas eficazes e ético-relacionais), a revelação do projeto

²³⁰ CAMPOS, 2016, p. 20.

²³¹ CAMPOS, 2016, p. 118.

²³² CAMPOS, 2016, p. 119.

²³³ CAMPOS, 2016, p. 120.

salvífico de Deus na história contada pelo texto bíblico não é um princípio racional²³⁴ ela se faz presente na história a partir das ações concretas do ser humano, ou seja a história da pentecostalidade (experiência) legitima sua lógica (razão) quando é vivida, contada e concretizada pela história. Concluindo este pensamento Campos afirma que:

Uma vez que Deus se manifestou em Espírito como no dia de Pentecostes, os que participaram ou foram envolvidos por esta presença introduziram uma prática de vida espiritual na sociedade. É o que chamamos de práxis pentecostais que mais tarde se tornará uma hermenêutica pentecostal. A práxis Pentecostal.²³⁶

Para o autor, uma hermenêutica do Espírito baseada na pentecostalidade leva o intérprete a compreender a realidade a partir de uma releitura das manifestações de Deus à luz das escrituras. Contudo, sua própria experiência também é incluída na interpretação de tais acontecimentos, tanto os acontecimentos históricos como os atuais. “Não se trata apenas de uma experiência de fé, mas de uma experiência vital que dá sentido à realidade histórica à luz das escrituras, uma atualização vital e experiencial dos acontecimentos”.²³⁷

3.5 Considerações finais

Uma das propostas que o método hermenêutico experiencial de Campos apresenta é a releitura bíblico-pentecostal das manifestações de Deus. Esta proposta se harmoniza com o que o aluno pentecostal traz em sua bagagem para o curso de teologia, ou seja, a experiência com Deus construída ao longo de sua vida de fé. O método também relaciona a este uma práxis pentecostal, ou seja, ações ético-relacionais concretas que são produzidas não apenas pela via da experiência, mas também pela reflexão teórica da história da pentecostalidade registrada no texto bíblico e também nos acontecimentos históricos até a contemporaneidade.

Faz-se necessário, portanto, que a partir da proposta de um currículo acadêmico-experiencial se contemple caminhos que possibilitem a constituição do sujeito pentecostal e que este seja produtor de sua identidade e ao mesmo tempo de sua teologia. E também, a partir de uma sociologia de cristianismo primitivo tenha

²³⁴ CAMPOS, 2016, p. 120.

²³⁶ CAMPOS, 2016, p. 119.

²³⁷ CAMPOS, 2016, p. 103.

condições de ler a festa de Pentecostes como um feito social e cultural para se encontrar, por meio dela, o sentido religioso da festa para a comunidade pentecostal de hoje.²³⁸

A partir de uma mediação hermenêutico-pentecostal, interpretações bíblico-teológicas poderão ser elaboradas a partir do que se entende como identidade pentecostal, sendo uma expressão pneumática e uma historicização da identidade do cristianismo, uma atualização histórica do sentido funcional de Pentecostes, que, como vento que sopra em todo lugar, emerge também em espaço acadêmico.²³⁹

Por meio do currículo o aluno buscaria o sentido e a significação do fundamento social de Pentecostes como forma de se conscientizar de sua responsabilidade em relação ao seu semelhante, sempre com o foco no projeto do Reino de Deus.

Um currículo acadêmico-experiencial, interdisciplinar, atual e polidimensional que contempla elementos capazes de suprir as necessidades trazidas pela contemporaneidade.²⁴⁰ E que também auxilia a teologia pentecostal a cumprir seu papel de preparar teólogos e teólogas que contribuam para o equilíbrio e preservação da teologia do Espírito no espaço pentecostal.

O caminho mais simples e seguro seria um currículo acadêmico moldado a partir de caminhos já percorridos. Entretanto, o movimento pentecostal nasce separado da via tradicional e trilha um novo percurso rumo a novos desafios que o levam a roteiros e situações inéditas. Por isso, ao invés de um currículo e concepção logocêntrica, o pentecostalismo para se garantir precisa de um currículo que possibilite uma visão *logopneumocêntrica* que aponte para uma interpretação que tenha como base igualmente, a Palavra e a liberdade renovadora e imprevisível do Espírito.

²³⁸ CAMPOS, 2016, p. 137.

²³⁹ CAMPOS, 2016, p. 117.

²⁴⁰ MARTINS, Edson. Instituição teológica: uma visão dos seus principais componentes. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006. p. 49-86, à p. 60.

CONCLUSÃO

O caminho que a educação teológica trilhou na história das ADs no Brasil, revela o grande desafio que temos no sentido de, ao mesmo tempo, quebrar com preconceitos que foram cristalizados durante décadas dentro do movimento e propor caminhos sólidos de equilíbrio entre razão e fé. A teologia produzida em ambiente acadêmico não pode estar dissociada da realidade pentecostal, ao contrário ela precisa ter relação concreta com sua percepção sobre o divino e com a dinâmica da vida como um todo.

Que caminhos sejam criados entre discente e docente onde seja possível o diálogo franco de ambas as partes, ou seja, deve existir troca de saberes, e espaço para a crítica mútua como forma de impedir a absolutização do discurso. Um caminho de abertura mútua para o discurso teológico e um discurso teológico que priorize a socialização do conhecimento e a construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que se proponha caminhos de equilíbrio entre razão e experiência.²⁴¹

No processo de reconhecimento do curso de teologia é preciso considerar se a teologia como ciência não tem ao longo do tempo perdido o seu núcleo duro. A teologia, como qualquer outra ciência precisa ser dissecada. No entanto, fato é que uma ciência que perde o seu vocabulário perde a sua linguagem e perdendo a sua linguagem fica impossibilitada de se expressar.

É preciso estar atento para que o reconhecimento dos cursos de teologia não se torne um mecanismo que acabaria produzindo a secularização da teologia como tem ocorrido na Europa. É preciso ponderar se a necessidade de se trazer vocabulários de outros campos de conhecimentos tais como psicologia, filosofia, sociologia e outros não é uma evidencia do enfraquecimento do vocabulário teológico ou ainda se o vocabulário teológico, no espaço pentecostal, poderá não estar atualizado em termos semânticos para dar conta dos dilemas do ser humano contemporâneo.²⁴²

A teologia produzida em ambiente acadêmico pentecostal precisa levar em conta elementos que auxiliem o estudante a compreender o que é teologia, precisa se

²⁴¹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Relações de poder na educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006. p. 209-229, à p. 210.

²⁴² REGA, 2006, p. 144.

preocupar em estabelecer elementos que definam conceitos aceitáveis do que é teologia, precisa gerar conceitos que expliquem o que é teologia a partir daquilo que já é aceitável pelo meio e a partir disto estabelecer espaços subjetivos e concretos onde as definições sobre esta ciência façam mais sentido e sejam assimiladas como algo bom e necessário. Quando o processo se torna claro, se estabelece uma ordem social que possibilita um espaço para mudanças de forma geral, isto porque a forma de ver o objeto, ou seja, a teologia muda de curso através dos novos símbolos e expressões a partir dos quais ela se expressa.²⁴³

Um dos problemas do conflito existente entre o conhecimento teórico e o experiencial são as pontes construídas entre ambas e não a teologia em si, as pontes que se estabeleceram para a compreensão do objeto foram pouco inteligíveis e isto gerou conflitos com aquilo que fora legitimado pela comunidade, ou seja a experiência, logo desenvolver pontes que não sejam conflitantes mas que auxiliem o pentecostal a enxergar a teologia como algo relevante e não como um instrumento de destruição da fé, é um dos desafios dentro de uma faculdade de teologia pentecostal.

Faz-se necessário que o conhecimento teológico seja visto como um processo e somente quando o ensino for colocado em prática se torna efetivo e estará no lugar apropriado. Em síntese, para que o conhecimento teológico faça sentido ele também deve descobrir, articular e submeter-se a um propósito que é maior do que ele mesmo, e se direcionar para contribuir com o aprofundamento do conhecimento do indivíduo e ao mesmo tempo com a preservação do elemento experiencial, só assim o conhecimento teológico começará a fazer sentido para o estudante pentecostal e para a comunidade a qual ele estiver inserido.

É preciso se mover da intenção para a ação, precisamos dar um passo de fé, iniciar um processo de mudança em ambiente acadêmico pentecostal. Quem sabe esse processo deve ter início com uma reunião do corpo docente onde todo o currículo será analisado dentro da perspectiva pentecostal do Reino de Deus. Certo é que necessitamos compreender que a educação teológico-pentecostal precisa se contextualizar, se adequar à realidade pentecostal para ter significado neste meio, a igreja mudou, o mundo mudou, ainda que o evangelho continue sendo o mesmo.²⁴⁴

²⁴³ GEERTZ, Clifford, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2013. p. 28.

²⁴⁴ BARRO, Antônio Carlos. Educação teológica e os desafios para uma sociedade em transformação. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Trad. Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006. p. X-Y, à p. 19.

A formação espiritual dos estudantes pentecostais é um dos mais importantes objetivos da escola de teologia pentecostal, na verdade tornar-se como um cristão mais elevado é o alvo da vida cristã. Os educadores teológicos devem estar cientes dos obstáculos para a formação espiritual bem como das experiências educacionais que promovam esta formação. Que este senso de responsabilidade nos conscientize do elevado valor na formação espiritual do estudante pentecostal e que verdadeiramente creiamos que tanto o crescimento intelectual como o crescimento espiritual signifiquem a porta de entrada rumo ao equilíbrio entre razão e fé para os estudantes que estão debaixo dos nossos cuidados neste período de formação teológica.

REFERÊNCIAS

- AENIS, Paul. Cometteremos a loucura de rejeitarmos o batismo no Espírito Sancto, como os judeus rejeitaram a Christo. *Boa Semente*. Belém, ano V, n. 24 e 25, p. 3, mar/abr. 1923.
- ALBANO, Fernando. *O Espírito no mundo: Pneumatologia pentecostal em diálogo com Paul Tillich*. 2017. Tese (Doutorado em teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2017.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARCHER, Kenneth J. *A Pentecostal hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland (USA): CPT Press, 2005.
- BARRO, Antônio Carlos. Educação teológica e os desafios para uma sociedade em transformação. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado e Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2001.
- BONDIA, Jorge Larrosa. *Tremores: Escritos sobre experiência*; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.
- CAMPOS, Bernardo. *El Principio Pentecostalidad: La unidad em el Espiritu, fundamento de la paz*. Lima: Kerigma, 2016.
- CONDE, Emílio. Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 1, p. 4, 01 jan. 1960.
- CONSTANZA, José Roberto da Silva. *As raízes históricas do liberalismo teológico*, 2005. Fides Reformata, São Paulo. v.10, n. 01 Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_X_2005_1/jose.pdf>. Acesso em: mai. 2016.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DESCARTES, René. *Los principios de la filosofía*. Alianza Editorial. Madrid. 1995.

DICIONÁRIO Português. Empirismo. Edição 1.5. Nov 2016. Disponível em: <<http://dicionariportugues.org/pt/empirismo>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ESPINOSA, Baruch de, SPINOZA, Benedictus de. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. São Paulo; Abril Cultura, 1969.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (et al.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2013.

GILBERTO, Antônio. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Série filosofar. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura I: Os Pensadores*. Tradução: J. Rodrigues de Meringe. São Paulo. Nova Cultural. 1988.

KOHL, Manfred Waldemar. Educação teológica: o que precisa ser mudado. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.

LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

LEMOS, Issac Kolenda. Barra Velha, 07 jan. 2000. Depoimento concedido a Marcos Tedesco.

LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 maio 1985. Entrevista concedida a Nemeuel Kessler e Jeremias do Couto.

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Teologia: do público para o privado ou do privado para o público? Breve incursão na história da institucionalização da teologia no Brasil. In: SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

MARTINS, Edson. Instituição teológica: uma visão dos seus principais componentes. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Resolução n. 4, de 16 de setembro de 2016*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Teologia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 mai. 2017.

MORENO, José Gomes. Christo, o centro da Escripura. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 32, nº 10, p. 3, mai. 1932.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007.

NYSTROM, Samuel. Resposta a perguntas de uma carta. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 10, mai. 1932.

OLIVEIRA, José de. Pentecostalismo nossas raízes históricas. *Revista Obreiro Aprovado*, Rio de Janeiro, CPAD, nº 65, abril/maio de 1995.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

PACHECO, José Augusto. *Políticas curriculares: referenciais para análise*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1999.

PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. *Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich*. Dissertação (Mestrado em teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2008.

POMMERENING, Claiton Ivan (Org.). *O reino entre príncipes e princesas: 75 anos de história da Assembleia de Deus em Joinville*. Joinville: Refidim, 2008.

POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de Pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na Teologia Pentecostal*. Tese (Doutorado em teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 82, mar. 1987.

RAILEY, James H.; AKER, Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.

ROBERTS, Kerry D. A santíssima Trindade. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Relações de poder na educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.

SALATIEL, José Renato. *Kant - teoria do conhecimento: A síntese entre racionalismo e empirismo*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/kant---teoria-do-conhecimento-a-sintese-entre-racionalismo-e-empirismo.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SANTOS, Andréa Nogueira dos. *Teologia do Espírito e sua relação com os cursos de teologia*. Revista Repas, Rio de Janeiro. v. 1. fev. 2017. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/8>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SANTOS, Manoel Pereira. Derrama sobre nós do teu Espírito: *A Seara*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 331, p. 45, jan/dez. 1958.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editoria Universitária, 2012.

SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes: Relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2012.

SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, Nestor; WIRTH, Lauri. *Missão e educação teológica*. São Paulo: ASTE, 2011.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Hermenêutica no espírito: a leitura bíblica na Reforma Radical*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, ano 57, n. 1, p. 46-59, 2017.

TERRA, Kenner. *Êxtase, Pentecostes e Unidade: desafios à luz das origens*. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015,

TILLICH, Paul. *The Protestant*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965. p. 243-268. *Apud* CAMPOS, 2016.

VINGREN, Gunnar. Depois de vinte anos. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 2, 01 jan. 1931.

VINGREN, Gunnar. *O tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro*: Gunnar Vingren. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

WALLON, H. *A Evolução Psicológica da criança*. Lisboa: ed. 70, 1968.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB; São Paulo: IOESP, 1999.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. Em busca de um projeto teológico pedagógico para a educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar et al (ed.). *Educação Teológica Transformadora*. Tradução de Maria Priscila Barro. Londrina: Descoberta, 2006.